

PALAVRAR

Ler e escrever é resistir

REVISTA LITERÁRIA SEMESTRAL

N.º 1 | AGOSTO 2021



EDITORIAL

3 Analita Alves dos Santos
Diana Almeida

PER FICTA,
RESISTERE

8 MÃOS D'OURO
E LÍNGUAS DE PRATA
Alexandra Duarte

12 A ROSA
E A MARGARIDA
Ana Carvalho

14 AS PALAVRAS
NÃO SAEM
Carolina Cordeiro

16 A CONSCIÊNCIA
TAMBÉM CHORA
Cláudia Passarinho

20 O PLANTADOR
DE PALAVRAS
Inês Pinto

24 O SOÇOBRO
E A PROCEDÊNCIA
Patrícia Lameida

GAVETA
CRIATIVA

62 A ARTE COMO
HUMANIDADE
David Roque

LÍNGUA
MÁTRIA

64 PORQUE É QUE UM
REVISOR DE TEXTOS
DEVE RESISTIR?
Ana Salgado

LUSOFONIAS

66 TIMOR, O PARAÍSO OU
O PAÍS A PRETO E BRANCO
Luís Cardoso

CRÓNICA
DO VIAJANTE

68 DEBAIXO
DO VULCÃO
João Ventura

A LITERATURA
PELOS TEMPOS

4 ANAÍS NIN
E HENRY MILLER
Filipa Melo

LETRA
MIUDINHA

28 MALDITAS
COMPARAÇÕES
Cristina Ferreira Grego

32 ROSABELA
Teresa Dangerfield

SALTANDO
DO PARÊNTESES

40 SONHOS
Ana Candeias

42 LER É CONHECER.
ESCREVER É ETERNIZAR
Ana F. Pinheiro

44 O PRAZER
DA ESCRITA
Carmo Marques

46 CAFÉ COM LETRAS
E POESIA VADIA
Ermelinda Toscano

48 ALVORADA
Gabriela Pacheco

50 BIBLIOTECAS, UM MEIO
DE DEMOCRATIZAÇÃO
DO ACESSO AOS LIVROS
E À CULTURA
Isaura Bento Correia

BESTIÁRIO
ARDILOSO

72 A VELHA DAS FITAS
VERMELHAS
Porventura Correia

SENTENTIA

74 CHEGADO
O FIM
Analita Alves dos Santos

76 O MILAGRE FÁCIL
E POSSÍVEL
James McSill

80 LITERATURA:
A VIAGEM INFINITA
Lénia Rufino

QUESTIONÁRIO
DE PROUST A...

6 FILIPA MELO

RESISTENTIA
POÉTICA

36 ELEGIA SOBRE
O TEMA DA ROSA
Nuno Júdice

37 O MISTÉRIO
DO POEMA
Maria José Esteves

38 DESCORTINANDO
PALAVRAS
Maria Luísa Francisco

39 PROTESTO
DE AMOR
Maria Silvéria dos Mártires

DA PALAVRA
À FORÇA

52 A VIDA
(MAIS OU MENOS)
Júlia Domingues

54 ESCREVER ANTES
QUE A TINTA SEQUE
Ana Costa

56 DA PALAVRA
À FORÇA
Manuela Vieira

58 SE PASSASSE UM FILME
RETRATANDO A TUA VIDA
Helena Gregório

60 LEITURA
Margarida Constantino

PALAVRA
DE LEITOR

70 A SEGUNDA VIDA
DE OLIVE KITTERIDGE,
DE ELIZABETH STROUT
Tânia Ganho

A BIBLIOTERAPEUTA
SUGERE

82 BIBLIOTERAPIA
O QUE É
Sandra Barão Nobre

Ficha Técnica

Diretora: Analita Alves dos Santos | Editora: Diana Almeida | Capa, design e paginação: Isa Silva | Revisão: Ana Candeias, Ana Carvalho, Carmo Marques, David Roque, Teresa Dangerfield | N.º de inscrição na ERC: 127573 | Propriedade: Analita Alves dos Santos | Sede: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | Sede da redação e da Editora: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | analita.santos@oprazerdaescrita.com
©2021 Revista Palavrar | Todos os direitos reservados.
Todos os textos são publicados segundo o Acordo Ortográfico em vigor, excetuando-se os de alguns cronistas.

Analita Alves dos Santos

Não é fácil começar algo de novo quando a voz é desconhecida, mas apontámos para as estrelas e avançámos, com o ímpeto do nosso lado.

Quando a Diana Almeida me propôs criar uma revista literária, recordei-me de imediato do *DN Jovem* (um dos principais veículos de publicação para novos talentos das letras nacionais), porém, quis ir mais longe, juntar duas realidades: o mundo dos que já publicaram e o dos que desejam gizar esse caminho — possibilitando momentos de aprendizagem e de prazer ao leitor.

«Sem oposição não há evolução». É no lavar a palavra, ou usar a palavra como arado da mente, que nos situamos. O trabalho pode ser árduo, muitas vezes inglório, noutras ocasiões doce e frutuoso, conforme o tempo, a crítica, a geada, os apoios, a chuva, a visibilidade e impacto. Posso afirmar: bati a portas fechadas. Do outro lado, muitos não se dignaram a espreitar o óculo (a resposta por dar é incómoda; ignorar o outro, sem justificação, é lamentável); alguns acolheram este projeto de braços abertos. Os seus nomes são públicos — estão nas páginas que folheará com os olhos.

Com a *PALAVRAR — Ler e escrever é resistir*, pretendemos cultivar histórias e ver crescer novas vozes. Caracterizada pela diversidade de rubricas e assuntos (História da literatura, escrita criativa, escrita motivacional, revisão e edição de textos, crítica literária), a *PALAVRAR — Ler e escrever é resistir* partilhará crónicas, contos, histórias infantis e poesia, de autores desconhecidos e de vozes conhecidas no panorama literário nacional. Incluirá ainda o questionário de Proust, com um convidado especial por edição.

Chegámos com a intenção de ficar e ganhar espaço. Estaremos na primeira linha da descentralização e democratização do conhecimento e da cultura, incentivando o

prazer pela leitura, uma página de cada vez. Assumimos as causas da promoção da escrita, da língua portuguesa, do multiculturalismo, da cidadania, da defesa das liberdades fundamentais, da democracia e de um ambiente saudável e sustentável, sem prejuízo do pluralismo de opinião e de conceder voz a todas as correntes, nunca perdendo a capacidade crítica, nem a ela renunciando. Sem sentimento de urgência ou derradeiro ativismo, tal como Fernando Pessoa, também temos o «gosto de palavrar».

Como afirma George Eliot, «A paixão torna-se uma força quando encontra saída no trabalho dos nossos braços, na perícia da nossa mão ou na atividade criadora do nosso espírito.» Que esta nossa paixão pela escrita e leitura também seja sua.

Diana Almeida

Somos muitos. Os que leem para viver além das fronteiras da vida, os que escrevem para purgar misérias ou acalentar esperanças e os que sonham fazer das letras que são parte de si, parte de outros. Dos muitos que somos, alguns se juntaram em torno de uma personalidade entusiástica, Analita Alves dos Santos. Alguém que mudou o rumo da sua vida na direção da escrita e que tem a generosidade de partilhar a sua jornada e conhecimentos à medida que avança, passo a passo. E formamos uma família, um grupo uno, nesta paixão pela leitura e escrita, apoiando-nos no esforço, nas aventuras, nos sucessos e nos fracassos. E no desalento. Foi num desses momentos, em que ao grupo faltava fogo, que surgiu a ideia deste projeto: materializarmos o que fazíamos, criando um palco para as nossas vozes, libertando-as para o mundo. Num momento de inspiração órfica, sugeri uma revista literária como âncora, como base para o movimento de resistência ao qual nos queríamos associar.

A vontade não se quedou e aqui estamos nós, a «*Palavrar*», para quem nos desejar ler.

ANAÏS NIN E HENRY MILLER

FILIPA
MELO

Todas as cartas de amor são ridículas, talvez porque, como James Joyce definiu no final de *Ulisses*, «o amor ama amar o amor». A constatação muda de figura quando, na década de 30 do século XX, dois candidatos a escritores decidem aliar à sua experimentação literária a procura de uma sintaxe para a paixão, a amizade e o sexo. Foi assim com a correspondência trocada durante duas décadas (1932–1953) entre Anaïs Nin (Paris, 1903-Los Angeles, 1977) e Henry Miller (NY, 1891-Califórnia, 1980). Um exemplo raro de parceria intelectual e fusão sexual e afectiva, entendidas por ambos também como fuga à convenção, destruição de tabus e afirmação de uma identidade e de uma voz individual. Primeiro editada pela Difel, com tradução de Manuel João Gomes, reaparece nas livrarias, pela Caleidoscópio (tradução de Tiago Marques), a compilação de mais de 250 exemplos de *Cartas de Amor* entre Nin e Miller, seleccionadas e prefaciadas por Gunther Stuhlmann em 1987.



«A constatação muda de figura quando, na década de 30 do século XX, dois candidatos a escritores decidem aliar à sua experimentação literária a procura de uma sintaxe para a paixão, a amizade e o sexo.»

Na introdução, Stuhlmann explica que a decifração, escolha e datação do material que lhe havia sido confiado por Anaïs obedeceu sobretudo ao «esforço para oferecer uma narrativa

contínua», mais «romance literário» do que documento de uma paixão literata. É uma pena que, como diz, tenha deixado de parte «longas discussões acerca de Dostoiévski, Proust, Joyce, D. H. Lawrence; críticas pormenorizadas feitas ao trabalho em curso um do outro; reflexões acerca de filmes, livros, e assim por diante, frequentemente encaixadas em cartas de vinte ou mais páginas dactilografadas». O legado de afirmação feminina de Nin supera a mera autoria de literatura erótica e os epítetos agressivos que lhe colaram inclinações para a ninfomania, a poligamia, a bissexualidade ou, mesmo, o incesto. Miller foi bem mais do que um vagabundo boémio e libertino, predador sexual e autor de literatura durante anos banida nos EUA como de matriz pornográfica. O equívoco feito de lugares-comuns que envolveu durante décadas o nome e a relação dos dois pode até derivar da publicação póstuma da versão não expurgada dos diários de Anaïs e ter sido reforçado pelo sucesso do filme *Henry & June* (Philip Kaufman, 1990, com Maria de Medeiros no papel da escritora) ou da muito pouco reverente biografia Anaïs Nin, assinada, em 1995, por Deirdre Bair.

Aquilo a que Stuhlmann chama «material marginal à história pessoal» é, afinal, o mais interessante nesta correspondência compulsiva (só em 1932, ano em que se conheceram, Miller endereçou mais de 900 páginas a Anaïs). Um diálogo intelectual entre um homem e uma mulher num momento histórico muito importante, a batalha de explicação mútua entre duas pessoas que, muitas vezes em divergência teórica, ambicionam acima de tudo escrever uma literatura inovadora e apurada. O que as tornaria indestrutíveis, segundo Anaïs, era o facto de «no [seu] âmago, [estar] um escritor, não um ser humano». Na verdade, concretizaram mais percursoras tentativas de automaterialização do corpo mental e físico através da escrita do que um banal enredo com várias triangulações picantes.

Anaïs é talvez mais famosa pelas páginas eróticas de *Passarinhos* ou de *Delta de Venus*

(traduzido por Luiza Neto Jorge, nos anos 80, para a Bertrand; reeditado pela Bico de Pena em 2006), livro que defendeu ter escrito apenas por questões de sobrevivência. Miller é identificado sobretudo pela autobiografia crua e pelo realismo brutal (para muitos, entendido ainda como mera 'obscenidade') de *Trópico de Cancer* (primeiro publicado em Paris, em 1934, e que muito deve ao apoio de Anaïs) ou *Trópico de Capricórnio* (1939). Pouco é reconhecido do esforço técnico das suas especulações quase-filosóficas, dramas simbólicos e associações surrealistas, presentes também na trilogia de «*Rosa-Crucificação*» (*Sexus*, 1949, *Plexus*, 1953, *Nexus*, 1960).

A biógrafa Deirdre Bair definiu Anaïs Nin como «uma grande autora menor». Iguamente com dificuldade Henry Miller será alguma vez aceite como autor relevante para os cânones literários mais exigentes. Produto da sua época, os dois escritores não resistiram à prova que o tempo fez do resultado literário daquilo que mais confiavam possuir: no caso dele, «talento», no dela, «instintos». *Cartas de Amor* mostra-nos, antes, a prevalência mútua da análise autobiográfica sobre qualquer outra motivação ou conquista literárias, com exemplo máximo em *O Diário de Anaïs Nin* (editado pela Bertrand, com introdução de G. Stuhlmann), registo que a escritora manteve dos 11 anos de idade até quase à morte. A herança de Nin e Miller concentra-se na força e originalidade da investigação de um passado individual, centro da criação de cada um deles. Uma espécie de autoetnografia, de esforço de recuperação do «tempo perdido» («Está tudo escrito em pedra», diz Miller), cuja dimensão mais íntima nos é dada a partir de um enredo de amor, entre duas pessoas sem medo do 'sexo' e com fome de liberdade perfeita, porque criativa.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

FILIPA MELO



Filipa Melo nasceu no Cuíto em 1972. É jornalista desde 1990 – altura em que integrou a equipa fundadora da Visão. Colaborou em diversas publicações, *Expresso*, *Grande Reportagem*, *Ler*, *Público* (foi responsável pela edição do suplemento *Mil Folhas*), *Diário de Notícias* e *O Independente*. Na televisão foi jornalista e editora de vários programas e, em 2013, assinou a autoria e apresentação de *Nós e os Clássicos*, na *SIC Notícias*. Estreou-se na ficção com o romance *Este É o Meu Corpo* (2001), traduzido em sete línguas. Em 2015, dirigiu a revista *Epicur* e, no mesmo ano, publicou o livro de reportagem *Os Últimos Marinheiros*. Seguiu-se *O Dicionário Sentimental do Adultério*, na *Quetzal*, em 2017.

1 | Qual é a sua ideia de felicidade plena?

A família e os amigos felizes, a cabeça (e a casa) arrumadas, um livro para ler, um livro escrito e outro por escrever.

2 | Qual é o seu maior medo?

A dor: minha ou dos que me são próximos.

3 | Qual é a característica que mais detesta em si mesmo?

A procrastinação.

4 | Qual é a característica que mais detesta nos outros?

A mentira.

5 | Que pessoa viva mais admira?

Os grandes – a noção de grandeza está fora de moda e é pena.

6 | Qual é a sua maior extravagância?

Ter tempo só para mim e para a escrita.

7 | Qual é o seu estado de espírito mental?

Depende do dia.

8 | Qual considera ser a virtude mais sobrestimada?

A beleza.

9 | Em que ocasiões mente?

Por coisas de nada ou coisas extremas.

10 | O que menos gosta na sua aparência?

Os joelhos.

11 | Que pessoa viva mais despreza?

Os extremistas.

12 | Qual a característica que mais aprecia em homens?

A generosidade.

13 | Qual a característica que mais aprecia em mulheres?

A generosidade.

14 | Que palavras ou frases usa excessivamente?

"Calma!"

15 | O quê ou quem é o maior amor da sua vida?

Os meus filhos. Os livros. Os amigos.

16 | Onde e quando foi mais feliz?

Não me lembro.

17 | Que talento mais gostaria de ter?

Multiplicar as horas do dia.

18 | Se pudesse mudar uma característica em si, o que seria?

Talvez o nariz.

19 | Qual considera ter sido a sua maior conquista?

Assumir-me como sou.

20 | Se morresse e voltasse, que pessoa ou coisa seria?

Prefiro ser surpreendida.

21 | O que mais valoriza nos seus amigos?

A generosidade, o humor.

22 | Quem são os seus escritores favoritos?

Assim, de cabeça: Shakespeare, Dante, Keats, Dickens, Baudelaire, Tolstoi, Rimbaud, Yeats, Lorca, Withman, Pirandello, Proust, Bashevis Singer, Clarice Lispector, John Updike, Iris Murdoch, Saul Bellow, John Banville, Martin Amis, Javier Marías, ...

23 | Quem é o seu herói da ficção?

Dom Quixote.

24 | Com que figura histórica mais se identifica?

Em pequena, queria ser Madame Curie ou Florence Nithingale.

25 | Quem são os seus heróis da vida real?

Os corajosos, os génios.

26 | Quais são os seus nomes favoritos?

Martim, Mariana.

27 | Do que é que menos gosta?

Não gostar de gostar de alguma coisa.

28 | Qual é a sua aversão de estimação?

A soberba.

29 | Qual é o seu maior arrependimento?

Não me ter percebido mais cedo.

30 | Como gostaria de morrer?

A dormir.

31 | Qual é o seu lema de vida?

"Nunca ninguém se perdeu. Tudo é verdade e caminho." (Fernando Pessoa)

MÃOS D'OURO E LÍNGUAS DE PRATA

ALEXANDRA
DUARTE

Houve um tempo em que todos fomos reis e escrevemos a nossa própria história. Coube-nos, então, imortalizar no Livro Eterno a nossa passagem por esta terra que é de todos. Sempre assim o fez cada família, ciente da efemeridade de cada instante vivido.

«Perdoem-me a intrusão, mas penso haver lugar, desde já, a uma pequena explicação: o Livro – o mais precioso bem encontrado em qualquer lar – é portador da história de cada linhagem, de gerações passadas e vindouras, marcadas em páginas que nunca têm fim. Trata-se de um livro eterno, que reclama para si toda e qualquer narrativa digna de registo, por parte de cada família sua proprietária. Obrigado.»

Naquele tempo de reis e rainhas existiram, também, Perpetuadores — Mãos d'Ouro e Línguas de Prata — e, ainda, alguns Inquisidores que, demos graças, rareavam. Tal como um sacerdote, responsável pela sua paróquia, também os Perpetuadores estavam atribuídos a várias famílias, sendo chamados sempre que havia algo a registar no Livro. Só eles o podiam fazer.

«O Livro – o mais precioso bem encontrado em qualquer lar – é portador da história de cada linhagem, de gerações passadas e vindouras, marcadas em páginas que nunca têm fim.»

«Permitam-me, novamente, intrometer-me, mas julgo necessário dizer que não se sabe como se nasce Mão d'Ouro ou Língua de Prata. Sabe-se que não é traço de família e que existem desde que o tempo é tempo e assim continuará a ser. Será, talvez, dom concedido por deuses a algumas poucas almas tidas por merecedoras. Ao recém-nascido nota-se-lhe um brilho na mão pequenina ou na minúscula língua, que grita a sua chegada ao mundo. Assim se reconhece um futuro Perpetuador. Depois, só mesmo após a morte — a língua, de facto, torna-se prata ou uma das mãos transforma-se em ouro. Atrevo-me, ainda, a dizer que entre ouros e pratas há, por vezes, alguma competição; mas não passa, contudo, de uma rivalidade salutar, pois ambos sabem que laboram por um bem maior. Adiante.»

O corpo fora encontrado pelos primeiros raios da aurora, que abrilhantavam a areia negra da praia onde repousava. Chamadas as autoridades competentes, vieram mestre e aprendiz. Logo se debruçaram sobre o corpo: calças de linho escuras, túnica branca, colar de torcedura de linho, de onde pendia uma pena. Era calvo e o rosto apresentava-se sereno. O braço direito, dobrado, apoiava a mão sobre o peito, o braço esquerdo estava estendido ao longo do corpo e a mão cerrada com força agarrava parte de um pequeno e amarrotado caderno.

— Deve ser importante, para tê-lo agarrado dessa maneira, na sua última hora — observou o mestre.

— Vai ser complicado recuperá-lo.

Ambos pensavam o mesmo, como é que iriam tirar o caderno de dentro de uma mão de ouro maciço?

— Um Mão d'Ouro, mestre, provavelmente obra de algum Inquisidor.

A alguns metros do corpo estava uma mala com pertences do falecido: um caderno com anotações variadas, outro com o registo das famílias para quem perpetuava a história e um calendário com marcações futuras. Havia ainda uma fotografia, com data de dois dias atrás, de um edifício apalaçado que parecia ser um hospital. Enquanto observava os objectos, o mestre foi surpreendido por um pequeno grito do seu ajudante. Virou-se e viu o rapaz chocado a olhar para o rosto do defunto.

— O que foi rapaz? Parece que viste um fantasma.

Boquiaberto, apontava para a boca do falecido.

— Prata, mestre, prata!

O homem acercou-se e quase deu um salto ao ver a língua reluzente no interior da boca ligeiramente entreaberta.

— Mãos de ouro e língua de prata, mestre?

O ancião franziu o sobrolho, os olhos pensativos fitaram o mar.

— Não é do teu tempo, nunca deves ter conhecido nenhum; eu tão pouco, mas lembro-me, em criança, de ouvir falar. Aparecem um

ou dois a cada quatro ou cinco gerações, são seres excepcionais, considerados abençoados — prostrou um joelho na areia — e agora está morto. Sabe-se lá se haverá algum outro por aí.

Efectuadas as diligências necessárias, o corpo é retirado e levado pelo coche policial, para que, posteriormente, se efectue a autópsia. O inquérito prossegue. Os ajudantes oficiais, zelosos na investigação, através dos contactos familiares que estavam num dos cadernos, perceberam que o Perpetuador estava longe do seu burgo. Questionavam-se, agora, sobre o que o teria trazido tão longe. Tentavam identificar o edifício da fotografia e, sobretudo, queriam aceder ao caderno que a mão agarrava.

O olho do aprendiz agigantava-se através da lupa com que observava a fotografia.

— Mestre, é mesmo um hospital, aqui neste canto vê-se uma ambulância e tem qualquer coisa escrita, acho que o podemos encontrar. E, de facto, após algumas verificações e telefonemas feitos, puderam identificar a edificação de aspecto apalaçado. >>

**«Ao recém-nascido
nota-se-lhe um brilho
na mão pequenina
ou na minúscula
língua, que grita
a sua chegada ao
mundo.»**

» No dia seguinte, mestre e aprendiz apresentaram-se defronte o edifício. De fotografia na mão, ora observavam um, ora observavam outro.

— Mestre isto vai levar uma eternidade!
 — E então, tens algo melhor para fazer?
 — Mas isto é enorme, começamos por onde?
 — Pelo rés-do-chão.

Percorreram os andares, fizeram perguntas, mostraram a fotografia do Perpetuador. Falaram com cuidadores, enfermeiros, auxiliares, médicos, até com algumas visitas. Ninguém reconhecia o Perpetuador, nem sequer tinham ouvido falar de um crime ocorrido nos arredores. Sem resultados, o cansaço trazia já algum desalento. Decidiram parar um pouco para recuperar forças e sentaram-se num pequeno divã de estilo oriental que acompanhava uma parede num amplo corredor. Ainda mal se tinham sentado, quando passaram duas enfermeiras em direcção ao elevador. Mestre e aprendiz conseguiram ouvir algumas palavras soltas da conversa entre as duas: "...bebé lindo, acabado de nascer, ...ficámos preocupados, ... língua esbranquiçada...uma mãozinha amarelada... esteve em observação... afinal correu tudo bem...". Entraram no elevador e a porta fechou-se.

A investigação tinha já decifrado alguns enigmas. Havia, porém, ainda duas questões em aberto: qual a causa da morte e como aceder ao caderno. Havia sugestões: "...e se partíssemos a mão..., e se a cortássemos..., e se rasgássemos a parte do caderno que ficou de fora..., e se..., e se...".

— E se derretêssemos a mão... — aventurou o mestre.

«A investigação tinha já decifrado alguns enigmas. Havia, porém, ainda duas questões em aberto...»

«Por fim! Valha-me Deus, derretam a mão e tentem salvar o caderno. De qualquer modo, para onde vou, não irei precisar dela. Adiantando-me à história, dir-vos-ei que nesse pequeno caderno estão as instruções necessárias à aprendizagem do iniciado Mão d'Ouro Língua de Prata; o bom do mestre saberá entregá-lo aos pais, para que o pequeno possa vingar e exercer laboriosamente o seu mester. Em breve, saberá também que, afinal, morri de causas naturais, não se tratou de um Inquisidor. Eles tentam, mas nós somos mais e melhores e continuamos a crescer. E agora, por amor de Deus, façam-me o funeral de uma vez! Afinal todo o rei merece o seu descanso.»

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

«E agora,
pelo amor
de Deus,
Façam-me
o funeral de
uma vez!
Afinal todo
o rei merece
o seu
descanso.»»



A ROSA E A MARGARIDA

ANA
CARVALHO

O avô António seguia no seu ritual diário, rumo à escola para apanhar o neto e levá-lo para casa. A saída da escola era um momento muito especial, pelo qual esperava com muita alegria. Era o ponto alto do seu dia. O frenesim das crianças, correndo e gritando ansiosas por encontrarem os braços acolhedores dos seus familiares ou cuidadores, era um alimento para o seu coração, enternecido pelo pulsar daquela energia contagiante.

Naquele dia o João vinha pensativo e algo taciturno.

O avô reservou uns minutos de silêncio para que o neto pudesse acomodar o que quer que lhe tivesse perturbado a habitual boa disposição e vontade de partilhar os acontecimentos do dia.

Contudo, o silêncio perdurou impondo uma barreira difícil de transpor. Parecia que o João estava ausente noutra mundo.

O avô decidiu quebrar o silêncio:

— Olá querido neto, como correu o dia?

— Olá avô, estou um pouco irritado!

— Não queres contar ao avô o que se passa?

«Já as rosas, também elas de uma beleza singular, não aceitaram a sua natureza e queriam ser como as margaridas. Na vida real acontecem-nos situações idênticas.»

— Sim ... na aula de Cidadania estávamos a debater formas de nos divertirmos sem ser através do telefone ou ligados ao computador. O Gaspar disse-me que eu era infantil por gostar de legos e módulos de construção e disse à Mafalda que dançar não era uma actividade, era um desporto e competição.

— E o que te chateou mais?

— Eu queria gostar de jogar à bola para ser popular, para todos gostarem de mim...

— Vou contar-te uma história. Pode ser que te ajude a olhar para essa situação de modo diferente. Queres?

— Sim. Apesar de estar triste, quero sim!

Era uma vez um Rei chamado Gastão. Era um Rei que tinha tudo o que queria. Viviam num país cheio de florestas, rios montanhas e vales lindos.

Apesar de ter toda a riqueza que pudesse imaginar, não se sentia satisfeito.

Certo dia, decidiu chamar o jardineiro do palácio.

— Florêncio, quero incumbir-te de fazeres o mais belo jardim alguma vez visto! — disse o Rei.

— Sua Majestade, é com muita honra e orgulho que recebo esse desafio, mas as plantas levam o seu tempo a crescer e por isso é necessário ter paciência para que elas desabrochem.

— Sim Florêncio, estou ciente disso. Serve-me de treino para praticar a virtude da paciência. O jardineiro foi plantando árvores e plantas, foi semeando flores e o tempo foi passando. Certo dia, o Rei pediu ao jardineiro que o levasse ao jardim para ver o progresso alcançado até àquele momento.

Havia um canteiro de roseiras cujos botões definhavam. O Rei, curioso, perguntou a Florêncio o que se passava com aquelas flores. Florêncio respondeu dizendo que, por mais que conversasse com os botões de rosa pedindo-lhes para darem o seu melhor, para mostrarem a sua essência, todo o seu perfume de rosas vermelhas, elas teimavam em querer ser brancas como as margaridas. Por mais que se esforçasse em demonstrações de todo o seu afeto pela cor vermelha e prazer em aguardar pelo seu aroma, elas mantinham-se irredutíveis na determinação de quererem nascer brancas.

— As margaridas, como estão? perguntou o Rei.

— As margaridas seguem serenas no seu percurso de crescimento, de um verde intenso; encheram-se de flores com toda a sua força — respondeu-lhe Florêncio.

— Por que razão as rosas vermelhas queriam ser brancas avô? — interrogou João.

— Sabes João, o jardineiro explicou ao Rei que as rosas estavam tão determinadas em ser perfeitas, em agradar ao Rei, pretendendo ser as suas prediletas, que queriam ser brancas — a cor que achavam ser a sua preferida.

Perplexo o Rei exclamou:

— Cada um tem a sua beleza natural!

— Sabes João — continuou o avô — as margaridas estavam muito felizes por estarem naquele jardim, e deram tudo para serem quem nasceram para ser. Brancas, luminosas e alegres. Já as rosas, também elas de uma beleza singular, não aceitaram a sua natureza e queriam ser como as margaridas. Na vida real acontecem-

«Basta seres quem tu és. É evidente que gostamos de ser aceites pelos nossos colegas e amigos.»

-nos situações idênticas. Não precisas de gostar de futebol nem de jogar futebol para te sentires popular. Basta seres quem tu és. É evidente que gostamos de ser aceites pelos nossos colegas e amigos. Mas, não gostar das mesmas coisas não quer dizer que não gostem de nós. Antes de mais, devemos ser livres para afirmarmos os nossos gostos e a expressão individual. Mesmo que alguém critique, ou discorde, não há problema. É a opinião dessa pessoa e a sua opinião não te define, não é quem tu és. Se a opinião for expressa com agressividade, como se fosse a única verdade possível, podes responder com gentileza que aceitas que essa pessoa tenha opinião diferente da tua. Talvez possas contribuir para que essa pessoa possa refletir sobre algo em que nunca tinha pensado antes: que não há uma só verdade, há perspetivas e gostos diferentes e está tudo bem na mesma.

— Já percebi avô, é como aquele anúncio na televisão: «se gostássemos todos do amarelo, o que seria do verde», não é?

— Isso mesmo, cada um com a sua expressão e beleza individual. E agora? já te sentes melhor pensando no que aconteceu na escola com o Gaspar?

— Sim avô. Obrigado pela ajuda. Amanhã já vou dizer à Mafalda que é bonito gostar de dançar, como é bom gostar de jogar à bola ou brincar com legos. O que é bom é cada um fazer o que gosta e ser feliz.

—Maravilhoso, João.

AS PALAVRAS NÃO SAEM

CAROLINA
CORDEIRO

As palavras não saem, raios! O tempo escasseia, não consigo fazer sair uma palavra. A ser uma qualquer, decerto já teria saído. Palavras na boca não me faltam, o problema é que preciso daquela palavra no papel. É a palavra certa para que tudo volte a ficar perfeito. Sim, perfeito será! Feito é bom, mas não é melhor que perfeito e sem essa palavra que corre à minha frente, sem que lhe apanhe rasto, o trabalho vai estar apenas feito. Não pode. Já não pode.

Sentou-se à beira da cadeira, tentando afastar-se um pouco do tampo de madeira que servia de mesa, enquanto se preparava para mais uma corrida. A meta era acabar a frase e, ao fazê-lo, acabaria aquele parágrafo e tudo estaria perfeito para todo o sempre. Seria a última mostra de perfeição. Esta procura da palavra estava a sugar-lhe os ânimos. Ajeitou-se na cadeira, que começou a balançar — ora para a frente, ora para trás —, à procura de um equilíbrio que ainda não conseguira alcançar. Na sua frente, posicionado a jeito de se olhar

«As palavras não saem, raios! O tempo escasseia, não consigo fazer sair uma palavra. A ser uma qualquer, decerto já teria saído. Palavras na boca não me faltam, o problema é que preciso daquela palavra no papel.»

sempre que pretendesse, poisava um espelho daqueles que aumentam a figura, não fosse ele esquecer que as palavras que escrevera foram sempre as suas, de si. Se estendesse a mão direita encontraria o seu amicíssimo lápis anão, e com a sua mão esquerda tocaria na borracha desusada. Estava tudo preparado para a eventualidade dele conseguir começar algum movimento. Pouco mais há a retratar daquele espaço. O homem enchia-o de tal forma que, mesmo com o seu corpo franzino, a sala que outrora vira saraus eternos encapuçava-se perante a labuta daquela procura. Só o corpo humano bastaria para escrever a próxima perfeição.

Começara assim na sua juventude, fechado sobre si mesmo, numa existência eremítica e dessa sua prática saíra-lhe o seu melhor trabalho, a que tantas e tantas vezes se aludira como o novo grande contributo para a

humanidade. Naquele então, o mundo rendeu-se a seus pés, as extravagâncias desse mundo foram-lhe concedidas e os elogios subiram ao éter. Ascenderam os gabos e a sua importância. Os louvaminhas, esses voltaram à terra numa correria, mas ele não. Permaneceu na sua passarola, à espera do novo poiso. Mas o passado não se apaga, esquece-se, talvez. Ele fora esquecido, sabia. Mas também sabia que seria lembrado, assim que acabasse o seu novo empreendimento, assim que encontrasse aquela palavra que tanto procurava.

Lembrara-se, certa vez, de ir à caça da palavra num dicionário que tinha lá por casa. Levou dias e dias à procura do livro, encontrando-o a jeito de pé de cama. Logo aí, elevou-se mais uma tormenta: perder o horizontal da cama ou encontrar a palavra. Dias passaram enquanto não se resolvia. Decidiu-se por perder o equilíbrio do sono e resgatou o dicionário do chão. Mas a sorte, quando vem, nunca vem por inteira. De tanto tempo lá ter estado no chão, como se se queixasse do seu pobre destino, o dicionário resolveu dividir-se e o homem só conseguiu trazer consigo metade das folhas com letras muito precárias. Agora, olhando ora para o chão, ora para a mão, apercebera-se que nem palavra, nem equilíbrio. O não saber como fazer as coisas parou-lhe o pensamento e não lhe estorvou a mudar de ação até que não voltasse a ter vontade. O cuco da parede cantara, cantava, cantou, cantaria até deixar de cantar. E, só por ter tido necessidade extrema de se aliviar é que o homem encontrara, no sítio mais remoto da sua casa de banho, uma lupa que lhe servira para aparar os bigodes. Agora que a barba já não crescia sem remédio, a lupa serviria para que ele procurasse a palavra. Deitou-se de ossos pregados ao chão e passou dias a ler as minúsculas letras das folhas que sustentavam a sua procura. Na busca de palavras, encontrou "retrato" e foi investigar se no seu semblante haveria palavra escondida. Não encontrou. De volta às folhas, encontrou "santo" e correu ao seu altar secular para ser regalado pela providência e encontrar

**«Mas a sorte,
quando vem,
nunca vem
por inteira.»**

a palavra escondida. Nada encontrou. Nas idas e vindas entre as palavras das páginas bolorentas, encontrara os nomes da meninice "Tiago", "Ulisses", "Veríssimos", "Walter", "Xavier", "Yago" e "Zé" e em nenhuma das fotos dos álbuns foi capaz de encontrar a tal palavra que tanto desejava. Acabou-se-lhe o dicionário e nada fora capaz de sossegar a procura. Desistir era o melhor remédio, assim pensou ele por tempos indeterminados.

O tempo batia a cada badalada e o som do cuco ia esmorecendo. Mas eis que todas as nuvens que sobravam no céu fizeram um lugar por onde um raio pequeno de sol começava a fazer-se sentir. Poderia ser hoje. Era hoje! Gritava o homem pelo casario vazio, lembrando-se que, se não havia palavra que o ajudasse, teria de ser ele a resistir. Faria nascer todo um novo léxico que pudesse encaixar na sua última linha. E, se no início era o verbo, então começou ele pelo "palavrar".

**«Acabou-se-lhe o dicionário
e nada fora capaz de
sossegar a procura. Desistir
era o melhor remédio, assim
pensou ele por tempos
indeterminados.»**

A CONSCIÊNCIA TAMBÉM CHORA

CLÁUDIA
PASSARINHO

Ele ainda não sabia que o corpo estava perto do fim e a alma a caminho do precipício. O azul dos olhos foi substituído por dois focos de luz que permitiam estudar a escuridão. Para onde quer que dirigisse o olhar, a luminescência difusa iluminava a presença da sua sombra, desmaiada aos pés. Era fortemente pontapeada, mas não fugia como cão escorraçado. Vidrou-se com o silêncio. Não havia sinal de vida, somente o assobio da sua respiração entrecortava o espaço quadrado e castrador. Rodeado por um muro alteado a pouco mais que a sua cintura conseguiu distinguir garrafas, copos com fundos ressequidos e cacos de vidro, dispostos ao longo do parapeito. O nariz dele contorceu-se com a bális impregnada na pele. Era a sua única companhia. Subiu o pequeno degrau que dividia o espaço e entrou no que lhe pareceu ser uma sala contínua. Baixou a cabeça e a luz, movendo-se síncrona com a visão, iluminou os pés descalços que ardiavam sobre a fria tijoleira.

**«Para onde quer
que dirigisse
o olhar a
luminescência
difusa iluminava a
presença da sua
sombra, desmaiada
a seus pés.»**

Olhou para cima, enxergou uma parede que se afunilava para lá do que a visão permitia alcançar numa boca aberta sob o céu estrelado. Os lábios trocaram movimentos, balbuciaram vacuidades impercetíveis. Porque o vazio não comunica, deixa-se estar qual intruso rastejante num buraco negro. Num silêncio funesto. Agora transpirava e os tremores investiam contra ele. Ainda não descobrira a porta de saída. Sobressaltou-se no momento em que o braço direito roçou um balcão pestilento, vestido de espelhos marcados pela humidade, que refletiram um Ismael curvado. Descaiu as pálpebras evitando a imagem devolvida. Todo o homem se transforma, pensou. São pequenos devaneios, uns por

desejo outros por desprezo, que conduzem o futuro e o modo como este se desenrola.

Coçou o braço, o pescoço e uma perna a um ritmo rápido e doloroso. No jovem morava uma comichão canibal, nascida num sangue impuro onde a dependência se igualava às manchas das paredes que cresciam no espaço como trepadeiras.

As lágrimas começaram a soltar-se. Talvez a esperança se insubordinasse pelo choro. Afinal quem nada tem nada pode dar, talvez ainda não fosse um poço seco.

Remexeu-se dentro do macacão esverdeado. O tecido pesava-lhe nos ombros, sugerindo que até este dispensava a convivência. Só poderia estar num sonho. Há quanto tempo não se trajava assim.

Uma das lágrimas caiu no chão, devolvendo limpeza e brilho ao soalho no local onde agora secava. Ping, ping, ping, ping, seguiam-se uma atrás da outra. À medida que caíam, o espaço começava a luzir. Com a palma da mão formou uma concha reunindo fé em formato de gotas, lançou várias contra uma mancha fétida na parede, limpando-a. O espaço aclarou. Se não tivesse sido o forte prurido que lhe nasceu junto aos hematomas do braço, não teria despertado. Levou alguns minutos a perceber onde estava deitado. O espaço era familiar, mas parecia-lhe coisa do passado. Lambia a língua encortiçada, tentando descobrir a presença do próprio

corpo, quando viu uma manta tapando a miséria de pernas, a antítese dos troféus ordenados na prateleira do antigo quarto.

«Campeonato regional, primeiro prémio, 1996. Oeiras Open, 1997. Hungria, Espanha, França: Primeiro lugar...» Prémios que marcaram anos de bate-bolas, pés enfiados em pó de argila, que tingiram a inocência de Ismael de laranja. Depois veio a pressão, duelos que saquearam a juventude, viagens longas, camas alheias ao destino, ataques de fúria incompreendidos. Uma raquete enfiada por um crânio adentro. Uma morte! Uma primeira prisão, que se tornou num encarceramento repetido e sem retorno. Naquele final de tarde, que oferecia um vento

rubro do lado de fora da janela, os prémios traziam consigo uma mistura de desgosto e desilusão. Há uma certa nostalgia quando se pensa na infância. Memória do passado que nos diz quem fomos, quem desejávamos ser e no que nos tornámos.

O pulso latejou junto da tatuagem de arame farpado feita contra vontade. Recordou o dia em que enodoou o corpo sujeitando-se a um grau de perigosidade e submissão elevado. De cada vez que a engenhoca artesanal, controlada pelos companheiros, se introduzia debaixo da epiderme, lambuzava-se na fragilidade humana; «*maricas! Sobrevivem aqueles que se adaptam*», lembrava-se de ouvir alguém dizer no meio de gargalhadas.

Observou os pés destapados, com máculas arroxeadas entre os dedos e encolheu-se para os esconder de si.

Chegava da cozinha o som da água corrente, os passos arrastados da mãe, o abrir constante da porta do frigorífico. Vozes provenientes do rádio falavam de um Deus prometedor «Comerás livremente o fruto de qualquer espécie de árvore que está no jardim; contudo, não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comeres com toda a certeza morrerás!»

A mensagem condenatória fazia crescer um ímpeto de cólera. «*Promessas! Promessas! Tantas promessas! Qual morte qual quê?!*» — pensou. ➤

«No jovem morava uma comichão canibal, nascida num sangue impuro onde a dependência se igualava às manchas das paredes que cresciam no espaço como trepadeiras.»

Levantou-se estonteado, pronto para entrar de rompante na cozinha e calar a língua bifurcada que invadia os ouvidos da mãe. Por entre a porta entreaberta, vislumbrou-a adormecida em palavras bíblicas, mal a reconheceu tão pequena, contida naquela carcaça grisalha. Cortava legumes, controlando com perícia o movimento da faca. Para Ismael, colocar o futuro nas mãos de Deus não era rentável, limitava-se a ser um estado de espírito de gente medíocre.

— Ó filho, não te ouvi chegar. Senta-te! — pediu, enquanto arrastava uma cadeira. Sentou-se!

— Parte-me o coração ver-te assim. — Colocou a mão sobre a do filho, numa espécie de carícia constrangedora. Identificou-o como um momento importante. Porém, para o filho o ensejo não chegou e continuou de expressão baça e desafiante.

— Ai Senhor, quem me dera conseguir dizer-te o quanto sofro sempre que olho para ti. Meu rico filho, no que te tornaste. Aí, se o teu pai fosse vivo... seríamos dois a sofrer! — concluiu ainda de faca na mão.

— Sim, de certeza que está a esgravatar o caixão da mesma maneira que fez com a minha vida.

Ali estava, um violino interior de cordas danificadas que deformava as notas todas as vezes que se aludia ao pai.

— Preciso de dinheiro! Dá-me algum.

— Não tenho... não te posso dar! — reformulou. A certeza da mãe fê-lo semicerrar os olhos. Na cabeça dele existiam três tipos de raiva: a raiva da ignorância, a do abandono e da cobardia. Em cima do móvel, a namoriscá-lo, a carteira da mãe. Segredava-lhe ao ouvido palavras obscuras e ousadas.

Ismael sabia que a consciência não fazia parte da sua existência. «Se o cérebro é consciência e se a consciência é existência, quem serei eu?»

**«Para Ismael,
colocar o futuro
nas mãos de Deus
não era rentável,
limitava-se a ser
um estado de
espírito de gente
medíocre.»**

Pergunta tão ingénuas que se fosse um gesto seria um «faz figas» antes de se atirar de um penhasco.

— Como queiras! Ainda te vais arrepender por seres igual ao outro e não me ajudares. Afogou-se numa infeliz rebeldia e pegou na carteira num movimento tão rápido quanto aquele que o corpo permitiu.

Que pena miúdo, as drogas levaram o teu melhor! Sim, aquelas a quem tratavas por tu e que rapidamente domaram o teu espírito. Contra o exército de vozes presentes da mãe, do pai morto, do pastor evangelista que continuava a apregoar eufórico, fugiu. Abriu a porta de casa e nem a advertência do gemido escandalizado das dobradiças o impediu. Fugiu da vergonha. Correu dali para fora! Num resquício de arrependimento sentiu a carteira pesar o dobro daquilo que pesava. Será que a honra teria peso? Estaria também ela elucidada sobre o conceito de consciência? Pobre Ismael, que se sentiu glorioso e louco o suficiente para considerar que possuía a liberdade refundida nas mãos, assim que a porta se fechou no seu encaicho.

««Abriu a
porta de
casa e nem a
advertência do
gemido
escandalizado
das dobradiças
o impediu.
Fugiu da
vergonha.»»

O PLANTADOR DE PALAVRAS

INÊS
PINTO

João encostou o carro na berma. Fincou as mãos no volante para controlar a vontade de desistir. Faltavam cerca de três quilómetros para chegar à aldeia e as suas inseguranças assolaram-no como um relâmpago perdido no verão. Questionou a escolha do lugar, recriminou-se por ter pedido a licença no trabalho e revoltou-se por sonhar na meia-idade: com a reforma no horizonte, queria ser feliz entre as palavras.

Quando chegou à aldeia, João rendeu-se à beleza rústica do aglomerado de casinhas castanhas viradas para a praça, onde os bancos de pedra recebiam a sombra dos plátanos centenários. Inspirou o aroma de mil flores escondidas nos quintais. O seu olhar vagueou ao compasso da brisa e as suas dúvidas dispersaram-se nas colinas frondosas que aureolavam o lugarejo. Esqueceu os corredores pálidos da universidade onde lecionava História da Literatura. Era um apaixonado pelo seu trabalho, mas chegara a altura de se despedir dos relatórios, ensaios

«Questionou a escolha do lugar, recriminou-se por ter pedido a licença no trabalho e revoltou-se por sonhar na meia-idade: com a reforma no horizonte, queria ser feliz entre as palavras.»

e exames. Bastava-lhe a recordação das vidas que tocara e dos futuros que ajudara a desenhar. Quando regressava ao apartamento silencioso, o medo apoderava-se dele. Esquecera a sua devoção pela escrita. No entanto, os anos de convivência com a voz dos outros levaram-no a decidir replantar as suas próprias palavras.

Um cão ladrou e João despertou do devaneio. Reparou na casa de pedra com a tabuleta "Casa Ti Joaquina". Dirigiu-se à senhora sentada à porta.

— Boa tarde! Dona Alzira?

— Boas tardes. Reconheci-o pela voz, doutor João —

levantou-se e cumprimentou-o.— Estava à sua espera para lhe entregar as chaves. Vamos lá ver se é do seu agrado.

João seguiu-a. A casa estava bem estimada e cheirava a sabão azul. Sentiu-se confortável. A Dona Alzira virou-se para ele:

— Somos vizinhos. A minha mãe deixou-me esta casa. Há uns anos, a minha filha decidiu restaurá-la. Ela vive com o marido e o filho na cidade, mas vêm cá amiúde. — Fez-

-lhe sinal para ir às traseiras e abriu a porta que dava para o quintal. — Se precisar é só chamar. — Aproximou-se da cancela na vedação que separava os quintais. Abriu-a e passou para o outro lado. — Não vou maçá-lo mais. Até logo. João agradeceu e despediu-se. Aproveitou para analisar o quintal. Os canteiros floridos aromatizavam aquele pedaço de terra. Por momentos sentiu-se diferente. Já não pesava a solidão. Não tinha filhos e o único sobrinho vivia na Austrália. Contava apenas consigo e com amigos que fez ao longo da vida. Esfregou as mãos para afastar algum laivo de tristeza. Era tempo de começar a semear!

No dia seguinte, João passeou pela aldeia. Leu o jornal no café, enquanto saboreava uma cevada preparada no pote, acompanhada por fatias de pão doce. Alguns olhares de esguelha fizeram-no sorrir e acenar com a cabeça. Pouco depois, já ninguém estranhava a sua presença e até lhe pediam opinião sobre o jogo de futebol do último domingo.

Aos poucos, João habituou-se à simplicidade do tempo naquele lugar: o galo despertava-o; os trilhos, por entre giestas e silvas, estimulavam-lhe as sensações e as conversas na praça tornavam-se em ideias que fervilhavam na sua alma. No quintal, as folhas do caderno enchiam-se de fragmentos de memórias e de pedaços de conversas. Mas algo o deixara intrigado.

Ultimamente as conversas referiam sempre o “plantador de palavras”. João conhecia as alcunhas de todos e não descobriu de quem se tratava. Assim que se aproximava para perceber melhor, as vozes calavam-se. Só restava uma solução. Olhou para a varanda da Dona Alzira, onde os vasos, em fila indiana, decoravam o parapeito da janela. Iria perguntar-lhe. Nesse momento, a porta abriu-se e a senhora saiu com um regador. João foi até à cancela.

— Boa tarde! Como tem passado? — cumprimentou com cautela.

— Ó senhor doutor! Bons olhos o vejam. — Sem o olhar, refrescou os vasos. — Sei que anda entretido por aí. Todos gostam de si. — Pousou o regador e dirigiu-se à vedação.

— Sim, é verdade. Todos têm sido simpáticos!

— Semicerrou os olhos numa atitude de desconforto. — Dona Alzira, não quero ser intrometido. Ouvei alguém referir-se ao plantador de palavras. Pareceu-me uma pessoa importante para a aldeia, mas ainda não o conheci. — Tossicou para disfarçar a ousadia.

A Dona Alzira riu-se.

— É verdade! Mas ainda não é o momento para o Doutor o conhecer. — Afastou-se enquanto regressava à varanda. Virou-se e encarou-o. — Admire estes vasos com ervas aromáticas. São obra do plantador de palavras. — Regressou a casa.

João franziu a testa sem perceber o alcance do conselho da senhora. Fixou-se nos vasos, mas a sua ignorância “erval” desanimou-o. E nem sequer podia cheirá-las. Prestes a desistir, a Dona Alzira assomou à varanda.

— Eu dou-lhe uma ajuda! Tome nota da ordem: alecrim, manjerição, orégãos e rosmaninho — acrescentou, a rir — ... para bom entendedor, meia palavra basta! Até amanhã, se Deus quiser.

João pegou no bloco e registou as palavras. Passou o serão a tentar descobrir o enigma, mas o cansaço e a impaciência venceram-no às primeiras horas da madrugada.

Os dias seguintes passaram sem novidades. Não conseguia desvendar o mistério. Tentou tudo: escrever na horizontal, na vertical, da esquerda para a direita e vice-versa. Não interpretou a mensagem escondida. Frustrado, copiou as palavras, usando diferentes cores para as letras. O espanto acelerou-lhe a alma, porque bastava usar as letras iniciais para desvendar a palavra escondida: amor. Para confirmar, foi até à praça ▶

«Quando chegou à aldeia, João rendeu-se à beleza rústica do aglomerado de casinhas castanhas viradas para a praça.»

▶ e espreitou para a horta da Dona Laurinda. Favas e ervilhas: fé. Sentou-se no banco para acalmar o turbilhão de emoções. Queria conhecer o plantador que ensinava àquelas gentes o dom da palavra. Recomposto, bateu à porta da Dona Alzira. Ela recebeu-o com um sorriso rasgado como se adivinhasse a sua conquista.

— A sua palavra é amor, mas há outras espalhadas pela aldeia.

— Sim senhor! Sendo assim já o posso convidar para a reunião na coletividade. É no próximo sábado às oito em ponto. — Tocou-lhe no braço. — Há uma regra que não pode quebrar: perguntas só no fim! A palavra é prata, o silêncio é ouro, compreendeu? — Maneou a cabeça em tom de despedida.

João mal controlou o entusiasmo. Imaginou um velho sábio e resistente, talvez antigo padre ou professor, que não queria deixar as palavras morrer. Um exemplo de vida ativa que João também ansiava. Faltavam cinco dias.

Não se preocupou com a indumentária. Podia ser ele mesmo, informal, com as suas fraquezas e dúvidas, sem se importar com julgamentos. Animado, chegou cedo à coletividade.

Cumprimentou quem ia chegando e não se atreveu a fazer perguntas. Pouco depois, a Dona Alzira convidou todos a entrarem na sala preparada para a reunião: cadeiras em filas viradas para um palanque. Ávido de curiosidade, apercebeu-se, junto ao palco, de uma mesa onde um casal desconhecido estava sentado. Não teve tempo para pensar, pois o som de passos silenciou a plateia. João ficou abismado. Um jovem posicionou-se no centro e cumprimentou a audiência.

— Olá! Já estamos todos! Antes de começar, quero dar as boas-vindas ao professor João e apresentar-me: sou o Alexandre, tenho 16 anos e sou o plantador de palavras!

João permaneceu calado. A sua perplexidade impediu qualquer reação.

— Pois bem. Hoje vamos começar a ler "Felizmente há luar", uma peça de teatro. — Aproximou-se da mesa e pegou no livro. — O nome faz lembrar alguma coisa?

— "Quanto mais luz ao luar, mais lhe hão de os cães ladrar" — respondeu a Dona Laurinda.

— "Da lua nova arrenego, mas com a cheia me alegro" — acrescentou o Senhor Inácio.

Alexandre anuí, enquanto o casal escrevinhava em pequenos cadernos. Pouco depois, o jovem, com disfarces feitos à mão e uma voz pausada, iniciou a leitura. João deliciou-se com o espetáculo. As palavras e os gestos envolviam todos numa comunhão literária que só quem assistisse podia sentir. No final, os aplausos de satisfação ecoaram na sala. Alguns regressaram a casa enquanto outros falavam com o casal. João dirigiu-se ao Alexandre.

— Meu jovem, só te posso agradecer. É inacreditável o que fazes!

— Obrigado, professor. A minha avó Alzira falou-me do senhor. Disse-me que andava por aí a escrever. Desconfia que o senhor é escritor.

— Ainda não, mas acalento o sonho. E agora ainda mais, depois de ver a tua ousadia. Como surgiu a ideia?

— Para mim, a leitura é uma janela aberta para o mundo, mas também é a porta de entrada para a sabedoria popular. Eu nasci nesta aldeia rodeado de pessoas simples, mas sábias. Falei com os meus pais — apontou para o casal desconhecido — e eles acharam boa ideia. Tomam nota do que é dito para não se perder no tempo. Como se diz, juntar o útil ao agradável.

João não escondeu a emoção. A sua mente já elaborava um projeto em conjunto com o jovem. Ele até tinha contactos. Não resistiu a fazer-lhe a proposta.

— O que achas de dar voz a essa sabedoria? Pode ser um livro, uma revista.

Com olhos a brilhar de prazer, Alexandre assentiu e respondeu:

— Conte comigo. Afinal, ler e escrever é resistir!

««Os dias seguintes
passaram sem novidades.
Não conseguia desvendar
o mistério. Tentou tudo:
escrever na horizontal,
na vertical, da esquerda
para a direita e vice-versa.
Não interpretou
a mensagem escondida.»»

O SOÇOBRO E A PROCEDÊNCIA

PATRÍCIA
LAMEIDA

O rio Mekong brota tímido em terra de homens santos. Cresce, alarga e une povos distantes no seu percurso. Semeia vida e destruição, veloz na ânsia do destino que o acolhe por séculos e séculos. Ao chegar, abre-se em leque, feliz, e desenha um delta de líquida quietação, plácido no término da viagem.

Eram os anos de 1500. Corre o Mekong milenar, a mesma força, rumo ao mesmo mar. Aninha na sua foz povoações agrícolas, de lides simples, trabalhos pesados e respeito pelo natural, sagrado. Comem o que semeiam, e assim se nutrem arrozais nas águas mestiças, fruto do encontro entre doce e salgado. Como os seus pares, é agricultor. Homem de idade desconhecida, sabendo-se adulto, navega as águas calmas entre os cultivos que cuida pela família que alimenta. Pés firmes, a céu aberto, palpam a lama arenosa que pavimenta o percurso. Protege-lhe a cabeça um chapéu largo que afasta o calor e oculta o rosto. Sobre a camisa que lhe cinge o corpo aquece-o um agasalho pesado de palhinha, fruto do mesmo cultivo

*«Este receberá, plácido e brando,
No seu regaço os Cantos que molhados
Vêm do naufrágio triste e miserando,
Dos procelosos baxos escapados.»*

In Lusíadas, Canto X, 128

que o sustenta. Assim, a calma e paz estão consigo. É ao cuidado que os seus dias são dedicados. Plantas fortes, acarinhadas, alimentarão os filhos e os netos. O grão brota farto nessa estação, agraciado pela bonança divina, mas que não se descuida. O ritual de zelo que se repete mantém a paisagem visível verde com laivos de azul, temperada a sal e sol.

Ao largo do idílio cresce a expansão. História, chamar-lhe-ão, quando recordarem os dias em que as embarcações serviram para que povos distantes se reconhecessem. Conectam-se gentes diferentes e o inevitável principia – trocam posses, mercadorias, pessoas e saberes. Viajam comerciantes em busca de negócio farto, guerreiros para defesa e expansão da arte da guerra, e homens de

letras que trovam as pessoas e os feitos, os ambientes e sentires. De trocas tais, crescem egos, alimentados a ouro e ambição. Os barcos multiplicam-se. Enchem-se até à borda com porcelanas, sedas e atavios esmaltados, riquezas que deliciarão as cortes, pavões que se passeiam do outro lado do oceano, absortos. A cobiça menospreza a prudência. Uma embarcação repleta é difícil de manobrar e no mar do sul chinês os baixios apresentam-se traiçoeiros para um capitão inexperiente. Os cascos inundam, afundam posses e afogam tripulantes em luta, comerciantes sujos de medo, guerreiros em paz com o seu destino e homens de letras desesperados. E são poucos os relatos que atravessam as águas para descrever todos os desastres que da negligência brotam.

O agricultor começa o dia entre águas sentimentais, barçaça embalada pela brisa que canta o silêncio. Desce um troço até ao arrozal onde se ancora. Solta o agasalho, saúda cada planta e brinca com girinos e rãs vizinhas. Começa o labor como uma prece que cumpre ritualmente até que o sol aqueça a água sob os seus pés. Na calmaria boia uma tábua curtida que encontra pousio nos seus tornozelos. Um pedaço de madeira quebrado, mas forte, encerado. O lavrador ergue-se com o achado nas mãos e vê outros flutuantes, semelhantes na qualidade, maiores no tamanho, dispersos pelo canal. Sobe à barca, disposto a recolher o que encontrar. São bom material, com corda grossa poderão servir de padiola, remendo na cabana que o abriga, albergue do arroz armazenado. No percurso manso, cada tábua recolhida aguça a curiosidade sobre a sua origem. Chegado ao areal, aporta a barçaça carregada e recolhe outros pedaços. Há outros objetos dispersos pela areia, pálida sob a luz do fim da manhã, mas não lhes percebe utilidade. Ao fundo, um vulto destaca-se. O desconhecido dita cautela, a aproximação é lenta, pausada, até reconhecer um homem. Pele curtida, cabelo grisalho e ondulado, no lugar do olho

direito uma cratera, escura e infecta. Barba farta, enfeitada de areia, rodeia lábios gretados e entreabertos, que aspiram ar devagar. Traz o corpo coberto com uma camisa comprida, suja, que ondula leve sobre o peito que ainda respira – adormecido. Prende sob o braço um saco de lona encerada, preso na mão por correias bem cingidas. Apesar de vivo, não responde à voz nem aos movimentos de incentivo do agricultor, que abana o corpo pesado. Mesmo estranho, é um homem, e o deus-sol reina por estas horas. A afronta da exposição direta pode pagar-se com a morte. Assim, o agricultor descarrega a barca, que navega até ao homem entorpecido. Carrega-o em braços para dentro do casco, o saco de lona a rasto, e leva-o consigo. Na aldeia terá abrigo. Como ele, outros acorreram em auxílio, providencia-se enxerga, sombra e água para refrescar o corpo. As mulheres recolhem as crianças, e os homens dividem-se – tratam o moribundo e recolhem dos destroços espalhados o que pode ser de serventia à comunidade.

Passam os dias e o corpo encontrado não desperta. É desnudado, lavado, untado e vestido. Em repouso, mantém-se um dos aldeões na sua companhia. Os seus pertences – o saco que trazia preso, cheio de papel manchado, e as vestes já lavadas – são armazenados. Deitado, de feições cansadas, faces encovadas e órbita vazia, aguarda a

«Eram os anos de 1500. Corre o Mekong milenar, a mesma força, rumo ao mesmo mar.»

» decisão divina sobre o seu destino. Esta é-lhe de feição, e uma manhã acorda. O estranho sobressalta-se, vê-se num casebre que não reconhece, com um ancião na sua guarda e grunhe sons que poderão ser palavras, mas soam a gritos roucos. O homem que o acompanha esperava pelo susto, não se aflige com o idioma que não conhece, e aguarda pela calma depois da tormenta. Percebendo-se prisioneiro, o estranho abranda. Não parecendo ameaça, é apresentado à aldeia. E tudo olha na busca pelo que em desespero tentou salvar de um desastre. Homem de letras, frases, palavras e textos que são para ele caráter, escudo, arma e ação. São essência e visão. A eloquência com que a sua pena distribui doçuras, desenha feitos e disferne críticas serve-lhe de pouco neste ambiente. Sem essa capacidade de comunicação, vê-se despojado de si mesmo naquele lugar. Apático.

Passam muitos dias, dias que não conta, como o estranho que deambula sem objetivo e escrevinha em tudo o que retenha o seu registo. Aos poucos, reconhece pelas boas pessoas que o rodeiam palavras que assemelha às que em exílio apreendeu entre orientais. Com engenho eleva a comunicação ao verbo, coxo, mas compreensível, e cresce de estranho a parte do todo, tornando-se elemento útil na comunidade. Vencido.

Viver a simplicidade de tantos dias iguais, alheado de guerras, mares e reinos, aviva a memória de outros lugares, da terra que o criou e que ele crê sentir-lhe a falta. A ditosa Pátria, sua amada, que entende perdida como à obra que não conseguiu salvar das águas. Escreve-a, apesar de distante e esbatida, canta-a em folhas de pasta vegetal desenhadas a tinta que bagas esmagadas produzem. E com o escrever cresce o querer, não bastando já a calma que o delta do Mekong lhe oferece. Empenha-se na

«Passam os dias e o corpo encontrado não desperta. É desnudado, lavado, untado e vestido. Em repouso, mantém-se um dos aldeões na sua companhia.»

língua nativa até aprender dizeres suficientes para procurar transporte e partir. Com destino à Pátria que o compreende. É à sua partida que, entre despedidas mais e menos sentidas, um ancião lhe devolve o saco de lona encerada cheio de papel riscado, desenhado, já seco depois de molhado. Tal milagre inflama o ânimo do homem e levanta o espírito quebrado. Agora está certo de que a sua Pátria o quer, e que é seu desígnio retornar triunfante de canto e louvor em punho. Este episódio foi narrado pelo naufrago nas mesmas páginas que arrastou consigo das águas que quase o engoliram. Epopeia enaltecendo a sua nação, lar da língua que o arma, que o homem ama. No país que o recebeu, tornou-se lenda, sagrado como feito heroico que atravessou os séculos. E as letras o permitiram. Descrevem, enaltecem, perpetuam. Gravam na memória coletiva o que seria esquecido, não fossem as palavras para o impedir.

««Viver a simplicidade
de tantos dias iguais,
alheado de guerras,
mares e reinos, aviva
a memória de outros
lugares, da terra que
o criou e que ele crê
sentir-lhe a falta.»»



MALDITAS COMPARAÇÕES

CRISTINA
FERREIRA GREGO



Hoje de manhã, depois de muito me espreguiçar e ainda de mau humor, parei de frente do espelho e percebi que pouco tinha mudado na minha imagem do dia anterior: O cabelo encaracolado completamente desalinhado, os olhos pesados do sono que me prendia à cama e os enormes dentes da frente que se destacam na minha boca e me fazem lembrar um castor. Veio-me à memória o que aconteceu quando tinha metade da minha idade.

Foi com seis anos que me enchi de coragem e tirei o primeiro dente. Parecia um pequeno baloiço a entrar e sair da minha boca, cada vez que comia ou quando a minha língua, teimosa, o empurrava para fora. Em casa todos festejaram o acontecimento, menos eu, que estive a choramingar durante uma hora, com medo de ficar tão feia como a avó Eugénia quando tirava a dentadura. Ver aqueles dentes de plástico a boiar num copo cheio de água, na mesa de cabeceira, é uma imagem que fica para sempre na mente de uma criança.

O meu pai, médico dentista, cheio de orgulho, tal era o meu feito, disse: — Esta miúda tem talento. Quem sai aos seus não degenera.

A minha mãe telefonou à avó. Ouvi-a gritar:

— Finalmente!

“Finalmente o quê”, pensei eu, furiosa, examinando ao espelho o espaço

vazio. "Porque é que me querem desdentada?"

Mas que beleza encontram as pessoas crescidas numa boca desdentada?

Seja como for, o primeiro dente que tirei foi parar dentro de uma caixinha forrada de algodão em rama e exibido a toda a gente como se fosse uma coisa milagrosa.

Este e todos os outros que tirei ou foram caindo, passaram a primeira noite dentro de um saquinho de linho a cheirar a alfazema, debaixo da minha almofada. Esperava ansiosamente a visita da fada dos dentes. Ainda hoje não sei se deva acreditar na sua existência, mas é certo que na manhã seguinte, dentro do saquinho tinha sempre uma prenda à minha espera. Dois anos depois do episódio que vos contei, já com oito anos compreendi: era por causa da minha estatura que eles queriam que eu perdesse os dentes.

Não é que os dentes façam crescer, estou a explicar-me mal. Vou explicar melhor, ou seja, vou começar pelo princípio.

Nasci de quase dez meses. Sentia-me confortável dentro da barriga da minha mãe e, na verdade, não tinha pressa nenhuma em vir cá para fora. Durante a gravidez ela teve diabetes. Sabem o que é? Bem, na verdade também não, mas acho que tem qualquer coisa a ver com

«Foi com seis anos que me enchi de coragem e tirei o primeiro dente. Parecia um pequeno baloiço a entrar e sair da minha boca, cada vez que comia ou quando a minha língua, teimosa, o empurrava para fora.»

açúcar a mais no sangue. Eu era tão grande que na maternidade todos me iam espreitar, porque parecia uma bebé de um mês. Para agravar o caso, da roupa comprada com tanta dedicação e amor, nada servia. Era a quarta filha, numa família de mulheres.

Quando me viram, a minha mãe, a minha avó e as minhas irmãs exclamaram:

— Meu Deus!

Só o meu pai teve a coragem de dizer a verdade:

— É sem tirar nem pôr um pequeno buda, mas bonita.

A minha avó, com a sensatez adquirida ao longo dos anos, abafou o silêncio que encheu aquele quarto e disse:

— Que lábios lindos tem esta menina. Parece uma pequena rosa.

Queriam dar-me o nome de Benvinda, em homenagem à tia-avó paterna. Era uma joia de pessoa e também tinha formas arredondadas. >>

Abençoado o momento em que uma das minhas irmãs, a terceira, descontente com o meu nascimento, se saiu com o seguinte desabafo: — Só se a chamarem de Mal-vinda.

Nessa altura era demasiado pequena para protestar. Mas já me disseram que, no batizado, berrei durante toda a cerimónia. Aliás, como era característica minha, não parava quieta e consegui dar uma valente queda. O vestido branco, que vinha sendo usado a cada geração, foi brindado com uma mancha vermelha de sangue que escorreu quando abri o lábio.

Voltando à questão dos dentes. Compreendem que chamar Benvinda a uma miúda que só cabe em roupa duas vezes o tamanho normal é uma enorme irresponsabilidade. "Se ela continuar a ser desse mesmo calibre, como é que poderá suportar um nome tão absurdo?", pensavam eles. Creio que foi por isso que começaram a medir-me e a pesar-me a toda a hora e a todo o

«Creio que foi por isso que começaram a medir-me e a pesar-me a toda a hora e a todo o momento, festejando cada centímetro e cada grama a menos.»

momento, festejando cada centímetro e cada grama a menos. E chamaram-me Sofia. Pela minha parte, tudo fiz para não frustrar as expectativas da família e, com a ajuda de uma alimentação saudável e da minha boa vontade, cheguei pouco ou menos ao estado em que me descrevo na seguinte redação.

"A minha estatura é quase normal e não sou muito robusta, mas a minha avó diz que mais vale ser assim e inteligente, do que magra e estúpida. Tenho olhos verdes e coró com frequência, especialmente quando me zango. Ainda tenho na boca dentes de leite, poucos, e a minha mãe conta-os sempre que telefona à sua amiga Rute, que tem um filho magro desdentado que se chama Luisinho."

Este Luisinho era-me antipatiquíssimo, mas não tanto devido ao físico, mais por causa daquela feia janela que tinha na boca e o fazia cuspir gafanhotos sempre que falava. Eu tinha um medo terrível de, perdendo os dentes, ficar parecida com ele. Mas ao mesmo tempo, depois de a minha mãe me ter dado a entender que ansiava pelo momento em que eles caíssem, já não conseguia suportá-los. Por isso, quando me caía um dente, examinava todos os dias o meu espaço vazio e pensava com horror no Luisinho quando se ria e cuspiam gafanhotos.

Agora, no sítio dos meus dois antigos dentes de leite, que eram pequeninos e bem proporcionados, tenho uns incisivos que me fazem parecer um castor!

E a minha mãe, mais aquela antipática da Rute, a dizer que eles cresceram bem!

Consolo-me pensando que o Luisinho teve de pôr um aparelho que parece um açaimo ao contrário.

A ver se param com essas malditas comparações.

«Queriam dar-me o nome de Benvinda, em homenagem à tia-avó paterna. Era uma joia de pessoa e também tinha formas arredondadas. Abençoado o momento em que uma das minhas irmãs, a terceira, descontente com o meu nascimento, se saiu com o seguinte desabafo: — Só se a chamarem de Mal-vinda.»»



○ Senhor Marcelino chegou com dois vasos de malmequeres. E se os deixasse alinhados junto aos das roseiras e dos gerânios? Ou se os plantasse no canteiro? Tinha lá hortênsias, petúnias, begónias, amores-perfeitos e até um rododendro, mas ainda havia um espaço livre. Decidiu que aí ficariam mesmo bem.

— Olá, eu sou o *Malmo*, e esta é a minha família — disse o mais alto e o mais farfalhado dos malmequeres, apresentando-se às outras plantas. Ouvia-se um burburinho. *Malmo* ficou sem perceber nada, mas reparou num vaso com uma rosa como nunca vira antes, mesmo perto dele.

Perguntou-lhe:

— Como te chamas? Estás aqui há muito tempo?

A rosa fechou as pétalas com força. Mudou de cor e disse, quase sem se ouvir:

— Olá, sou a *Rosabela*. Fui a primeira a vir para aqui, há... bastantes luas.

— Olha que giro! Nunca tinha visto uma rosa que mudasse de cor! Gosto do teu nome. O teu caule é interessante: sem espinhos e tão... diferente. Que fixe! Aposto que és bem forte: não deve haver vento que te dobre facilmente.

Ouviram-se risadinhas, vindas do lado dos amores-perfeitos. *Rosabela*, que era normalmente cor-de-rosa, já estava quase vermelha.

— Quem se está a rir? — perguntou *Malmo* com voz de pai zangado. — Olhem que eu não estou para brincadeiras, sim? Respeitinho!

Ficou tudo em silêncio. Os outros malmequeres sabiam bem que *Malmo*

«A conversa animou-se: Todos quiseram contar as suas histórias. Malmo teve de metê-los na ordem, em especial os amores-perfeitos, que se achavam os melhores.»

não gostava que troçassem, fosse de quem fosse. *Rosabela* iria precisar de uma pequena ajuda.

— Conta-nos como vieste parar aqui — insistiu *Malmo*.

— Quando o Senhor Marcelino — que foi quem vos trouxe hoje — veio para esta casa, não havia plantas no jardim. Um dia foi à vila e havia uma feira. Eu estava lá à venda. Ninguém me queria, porque sou diferente. As pessoas olhavam para mim e diziam coisas feias. Tão feias que nem quero repetir.

— Nem precisas de contar o resto. O Senhor Marcelino viu-te e gostou de ti. Viu que és diferente; és mesmo linda! E não vale mudares de cor por eu dizer isto, porque é verdade.

— Dizes coisas tão... tão bonitas, *Malmo*.

— Olha, nunca tinha conhecido uma rosa como tu. És o máximo!

— Obrigada, *Malmo*. Sabes, o que eu queria mesmo? Era conhecer outras como eu. Ouve dizer que há mais rosas assim: diferentes.

— Acredito. Mas não te esqueças de que somos todos únicos e especiais. A conversa animou-se: todos quiseram contar as suas histórias. *Malmo* teve de metê-los na ordem, em especial os amores-perfeitos, que se achavam os melhores.

No dia seguinte, o Senhor Marcelino veio ao jardim mais cedo do que o habitual. Pegou no vaso onde estava *Rosabela* e levou-o consigo. Todas

as plantas ficaram agitadas. *Rosabela* fechou as suas pétalas com muita força.

Já dentro de casa, o Senhor Marcelino limpou muito bem o vaso com a sua rosa preferida, e colocou-o dentro de uma caixa de papelão. Com muito cuidado, foi pôr tudo na parte de trás da sua carrinha. A vizinha do lado, curiosa como era, viu-o sair e veio cumprimentá-lo:

— Bom dia, Marcelino. Estou a ver que leva uma rosa: vai a alguma festa?

— Bom dia, Hermengarda. Então a senhora — que sabe sempre tudo — não ouviu dizer que hoje vai haver um concurso de rosas numa vila que fica a poucos quilómetros daqui? Não me lembro do nome, sabe como é esta minha memória, mas tenho para ali o folheto. Soube ontem, quando fui ao centro de jardinagem. Pensei logo na minha *Rosabela*. Ainda assim, é por aí uma hora de caminho. Olhe, vou tentar.

— Ah, pois... essa. Boa sorte então — disse ela ao Senhor Marcelino. Mas assim que ele entrou na carrinha, continuou entredentes: "Com uma rosa daquelas, o que é que ele pensa?"

Agora que sabia para onde ia, *Rosabela* sentia-se super feliz.

O Senhor Marcelino precisava de estar no local ▶

do concurso às duas horas da tarde. Saíra de casa bastante cedo, pois conduzia devagar. Começou a notar que o céu estava a ficar carregado de nuvens. Daí a pouco chovia tanto, que era difícil ver a estrada. O vento soprava com imensa força: parecia uma tempestade. *Rosabela* ficou um pouco assustada quando a carrinha começou a abanar. De repente, uma corrente de ar abriu a porta de trás. A caixa onde estava o vaso foi deslizando, deslizando, e acabou por cair e ser arrastada até à berma da estrada. O Senhor Marcelino não deu conta do que se estava a passar. Avistou uma estação de serviço e resolveu parar. Quando saiu da carrinha, viu que a porta de trás estava aberta: o seu coração começou a bater com muita força. Percebeu o que acontecera e deitou as mãos à cabeça. Começou a andar de um lado para o outro, enquanto falava sozinho:

— Deve ter caído por aí e eu nem reparei. A culpa foi minha: de certeza que não fechei bem a porta. Devia ter tido mais cuidado. E se a roubaram? E se foi atropelada? A minha *Rosabela*! Tenho que voltar para trás. Não há tempo a perder!

«Mas *Rosabela* era forte e não tinha sido puxada para fora da terra. Fechou as suas pétalas com muita força, como era costume.»

Com o vento, a caixa voara para longe. O vaso rachara-se e estava tombado à beira da estrada. Mas *Rosabela* era forte e não tinha sido puxada para fora da terra. Fechou as suas pétalas com muita força, como era costume. Desta vez, quem percebesse, veria que ela estava a chorar. Já não chovia e o vento começara a abrandar. Nisto, passou por ali um rapaz de bicicleta. Viu o vaso caído, com a rosa lá dentro. "Esta rosa é estranha, mas a minha mãe gosta tanto de rosas...", pensou ele. Pegou no vaso e colocou-o no cesto que tinha na parte da frente da bicicleta. Lá se foi a cantarolar. *Rosabela* continuava de pétalas apertadas com toda a força. O Senhor Marcelino conduziu até uma rotunda e voltou para trás, tentando descobrir a sua rosa caída nalgum sítio. Passado pouco tempo, avistou, do outro lado da estrada, um rapaz numa bicicleta: pareceu-lhe ver que ele levava a sua *Rosabela*. Fez uma travagem brusca. Tinha que tornar a voltar para trás e tentar alcançá-lo. A bicicleta ia mais devagar do que a sua carrinha, por isso pensou que não seria difícil. Só que, quando deu a volta à rotunda, à sua frente estava um enorme trator.

— Só me faltava isto! — barafustou o Senhor Marcelino.

O trator andava a passo de caracol. E não era possível ultrapassá-lo. Não adiantava apitar, pois sabia que um trator anda como um trator, não havia nada a fazer. Começou a transpirar: os minutos pareciam-lhe horas. Estava a ficar cada vez mais nervoso. Felizmente apareceu um cruzamento e o trator virou à esquerda.

— Até que enfim! — suspirou o Senhor Marcelino.

Não havia sinais da bicicleta. Teria virado à esquerda? À direita? O Senhor Marcelino hesitou, mas como só via campos de um lado e do outro, resolveu seguir em frente. Acelerou e pareceu-lhe ver, a alguma distância, o rapaz com a sua *Rosabela*. Daí a pouco, conseguiu chegar

perto dele. Começou a gesticular e a falar na rosa. O rapaz não percebia, mas pensou que o senhor talvez precisasse de ajuda e resolveu parar. Pararam os dois numa berma. *Rosabela* ficou muito feliz quando viu o Senhor Marcelino, que explicou tudo a Tomás, assim se chamava o jovem. O vaso estava rachado, mas a rosa continuava como se nada tivesse acontecido. Tomás ficou contente por a ter reunido ao Senhor Marcelino e encorajou-o a levá-la ao concurso. Como iam para a mesma vila, o Senhor Marcelino deu boleia a Tomás e ele, depois de pôr a bicicleta dentro da carrinha, ofereceu-se para segurar o vaso e a rosa com todo o cuidado, durante o resto do caminho. Chegaram muito a tempo. Tomás foi a casa e voltou com a mãe, que trouxe um vaso muito bonito. Entregou-o ao Senhor Marcelino: — É para pôr lá dentro o seu vaso. A sua rosa merece. O Tomás contou-me o que aconteceu. *Rosabela* estava muito atenta a tudo o que se passava à sua volta. Parecia-lhe um sonho. Havia tantas rosas, de cores e perfumes tão variados. umas maiores, outras mais pequenas, tão pequenas que até lhes chamavam rosas em miniatura. Até ouviu falar em rosas japonesas. Cada uma tinha o seu lugar. Ela estava entre as chamadas rosas de variedades inéditas. Não percebia bem o que isso queria dizer, mas parecia-lhe que eram rosas diferentes, únicas! Não havia nenhuma com o caule tão grosso como o dela, mas havia outras com duas cores, algumas de

pétalas com feitios diferentes. Quem passava dizia coisas bonitas. Quando *Rosabela* mudava de cor, todos ficavam deslumbrados. Sentia-se mesmo especial.

Ao fim da tarde, o júri anunciou os vencedores nas diversas categorias. Até havia um prémio para a rosa mais perfumada. Ninguém podia duvidar dessa escolha, pois tinha realmente um perfume de causar inveja. Chegou a vez das rosas inéditas. Houve um empate de pontos entre *Rosabela* e *Rosibranca*, uma rosa de duas cores. O júri resolveu dar o prémio às duas, em igualdade. Isso mesmo, vencedoras na Categoria de Rosas Inéditas, em igualdade! *Rosabela* nem queria acreditar! Não poderia estar mais feliz!

Vieram dar os Parabéns ao Senhor Marcelino e a senhora que trouxera *Rosibranca* disse-lhe que todos os anos havia um concurso internacional de rosas em Barcelona, no mês de maio; ela iria levar lá a sua rosa. O Senhor Marcelino teria de pensar nisso, para o próximo ano. Quando contasse tudo aos filhos e aos netos, nem iriam acreditar. Agradeceu muito ao Tomás e à mãe, despediu-se e partiu, cheio de orgulho na sua rosa, que recebera uma medalha em forma de flor. Quanto a *Rosabela*, estava ansiosa por voltar a casa e contar tudo aos seus amigos. Chegaram quase ao anoitecer. Hermengarda estava a espreitar por detrás das cortinas. Mal viu a medalha, encolheu os ombros e fez uma careta. Quando o Senhor Marcelino voltou a pôr *Rosabela* no jardim, quem conseguisse perceber o que as plantas dizem, teria ouvido, quase imediatamente, *Malmo*: "*Rosabela*, que te aconteceu? Vens mais bonita. Tens um vaso novo! E essa medalha!"; logo de seguida, um coro de vozes, vindo de todos os lados: "*Rosabela*, *Rosabela*, ainda bem que voltaste! Sentimos a tua falta!"; e, finalmente, *Rosabela*, que mais parecia uma estrela a brilhar na Terra: "Nem imaginam o que tenho para vos contar!"

ELEGIA SOBRE O TEMA DA ROSA

NUNO
JÚDICE



Nuno Júdice nasceu no Algarve, em 1949. Professor universitário, assumiu em 2009 a direção da revista *Colóquio-Letras* da Fundação Calouste Gulbenkian. Publicou o primeiro livro em 1972 e é um dos mais importantes nomes da poesia contemporânea.

Não penses, porém, que um dia

a encontrarás de novo, e que os seus cabelos esconderão dos teus olhos a luz do sol. E talvez penses que é essa noite que tu desejas, agora que nada se interpõe entre ti

e o próprio dia. Lembra-te que pela tua vida passou essa ilusão de uma primavera logo desfeita

pelo teu inverno. Sentes, por vezes, que tudo

poderá regressar, e lembras ainda a manhã em que ouviste

os seus lábios chamarem pelo teu nome, e quando

te voltaste imaginaste que as portas do céu se abriam

à tua frente, apenas por teres visto esse perfil

desenhado num desejo de que a efémera eternidade

do amor viesse ao teu encontro. O tempo, porém, corre

mais depressa do que pensamos, e não tens, agora,

um destino para as tuas palavras mais certas, essas

em que procuraste moldar, sílaba a sílaba, cada pedaço

do seu corpo, para que a sua imagem permanecesse

nas tuas mãos, tal como o perfume da sua pele. Sim,

não penses mais; e nesse instante fora da razão, ela surgirá

de um recanto do jardim, tratando das suas flores

como se, em cada uma delas, sobrevivesse

cada instante que julgavas perene, e acabou,

afinal, como acabam e morrem as pétalas

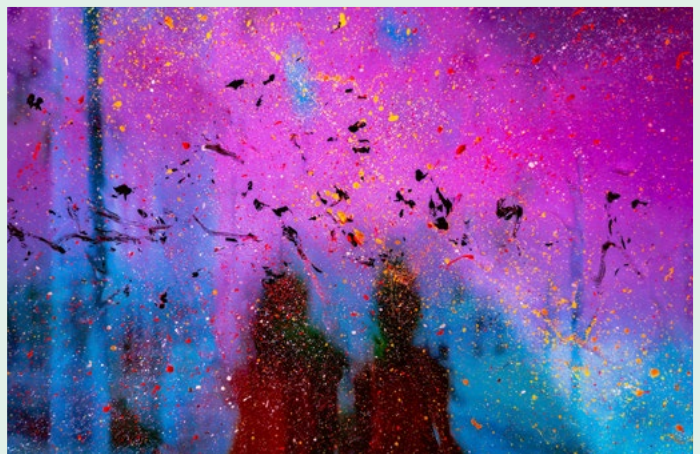
da flor que não cuidaste.

O MISTÉRIO DO POEMA

MARIA JOSÉ
ESTEVES

Escrevo,

quando a alma geme...
por palavras nuas
que sangram
dentro de mim.
Palavras cruas.
Metáforas de palavras nobres
e honrosas
que mostram ao mundo
... um poema
de versos macios e formosos.
Palavras que desabrocham
da minh`alma despida,
frágil... e louca.
As suas vestes são o negro...
e o vermelho
da morte... e do sofrimento
da dor... e da paixão!



Escrevo...
num íntimo impulso
numa corrida, num desfogo
num caminho sem rumo
para reviver
um sentimento ou... simplesmente
um pensamento.

E por fim...
sonhar doidamente
no mistério... do poema.

DESCORTINANDO PALAVRAS

MARIA LUÍSA
FRANCISCO

Quem lê e escreve apreende e compreende

Que a palavra fica ferida ao ser despida do seu acento, desprovida da sua consoante

Resisto e escrevo de acordo com a Língua-Mãe, sem mutilar o seu âmago

Não é um fato, mas é de facto estranho reduzir a ato subtraindo a solenidade ao acto

Por isso escrever é resistir

Ler é mais do que um acto de resistência é um acto de existência

Existo quando me deixo levar pela leitura

Por essa janela que é cada livro

A minha casa tem muito mais janelas do que eu imaginava!

Através de cada uma delas viajo

Desembaciando lugares

No escrever deste sentir... descortino cada palavra que me habita

Ainda assim, não sei se o que escrevo é poema

Ou se é o poema que me (d)escreve

E nesta simbiose somos certeza e dilema,

existindo e resistindo numa luta que **não prescreve...**

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



PROTESTO DE AMOR

MARIA SILVÉRIA
DOS MÁRTIRES

São tempos para enfrentar e resistir,
Olhar em frente e fazer travessias,
Agradecer pela minha vida e existir
Manter sonhos e acreditar nas poesias.

Não sou, nem quero ser subversiva.
Quero com luta conquistar o meu lugar.
Sem nunca precisar de ser agressiva
Vou trauteando a *Canção de madrugada*¹.

Quem quis fazer ruir os meus ideais
Pelos quais lutei com toda a minha alma?
Enterrada em vida, mas Deus deu-me sinais,
Quebrando dos meus braços a algema.

Nunca calarei o protesto da minha voz.
Ainda que suave como o miolo da noz,
Revoltar-me-ei contra quem é prepotente
Para que o sol seja para nós refulgente.

Escreverei, avivando meu grito, e minha dor.
E mesmo que a tinta se extinga da caneta,
Escreverei e direi sempre que é com amor,
Que a vida se faz bela, **e é sublime festa.**



1) Referência à *Canção de madrugada*, concorrente ao festival da canção 1970, cantada por Hugo Maia de Loureiro com letra de José Ary dos Santos e música de Nuno Nazareth Fernandes.

Quais sonhos? — pergunta alguém. E com toda a razão. Porque há muitos. Pelo menos, temos os *sonhos natalícios*, os *sonhos a dormir* e os *sonhos acordados*. Todos eles importantes na construção da nossa identidade. Os primeiros avivam memórias. Os segundos, de alguma forma, relacionam-se com a consolidação de memórias. Os terceiros podem correr o risco de ficarem reprimidos nas nossas memórias. Os sonhos natalícios, levemente crocantes e polvilhados de açúcar e canela, ou amolecidos por uma calda de açúcar, com um toque de canela, claro está. Bolinhos fritos às colheradas, em óleo abundante, que ganham uma certa forma esférica e que, durante tal fritura, parecem ter vontade própria, virando-se sozinhos para dourarem por igual. Deliciam os sentidos e perpetuam as tradições. Os sonhos da querida avó? Mas (em matéria de sonhos há sempre a hipótese de encontrarmos um "mas"), cada um destes sonhos, numa receita tradicional, pode equivaler a quase duzentas calorias. Um só?! Se forem dois ou três ou

«Pelo menos, temos os sonhos natalícios, os sonhos a dormir e os sonhos acordados. Todos eles importantes na construção da nossa identidade.»

quatro, hum, façamos as contas e é assim que sonhos prazerosos começam a converter-se em pesadelos, que nos inquietam por mais ou menos tempo (em matéria de sonhos, sim, também há sempre a hipótese de mergulharmos em pesadelos). Aproveitemos este alerta calórico, capaz de nos amargar a alma, e mudemos para outros sonhos.

Os sonhos de quando dormimos, essa atividade cerebral misteriosa, que tanto debate tem criado entre neurocientistas e psicanalistas. Adormecer é um ato de coragem em si próprio, porque o sono, embora necessário para a nossa saúde no geral, não deixa de ser uma condição estranha. Depois de adormecemos, para ali estamos, não sabemos o que nos acontece, nem o que acontece à nossa volta, se ainda vivemos, ou se já morremos. E não bastasse esta vulnerabilidade, eis que o nosso cérebro, por conta própria, se entrega a uma azáfama de processamento de informação, gerando sonhos, dos quais, na maioria das vezes, temos lembrança nula ou em retalhos de enredos, frequentemente *sem ponta por onde se lhes pegue* ou com alguma aparente ligação a um acontecimento recente ou antigo ou, quem sabe, a algo que nos venha a acontecer. Esta referência ao futuro, é a oportunidade conveniente para passarmos aos sonhos de quando estamos acordados, conscientes, em menor ou maior escala, de quem somos e quem queremos ser, do que fazemos e do que queremos fazer. Alguns deles são *sonhos-fantasia*s, devaneios que, se tudo correr bem, são inofensivos para o nosso equilíbrio. Idealizamos uma outra vida e ficamo-nos pela satisfação de apenas imaginar o que poderia ser, sem nos importarmos de efetivamente não ser, voltando sempre ao nosso mundo real, sem amarguras de maior. Outros dos sonhos de quando estamos acordados, são os *sonhos-aspirações*, desejos que temos. *Sonho um dia ser...* Gostava tanto de um dia... Sonhos que guardamos em nós. Escondidos pelo receio de não sermos capazes. Abafados pela prioridade que damos a outras tarefas ou pessoas. Sabotados pela nossa falta de foco e disciplina. Com o passar dos anos, podem ser esquecidos ou permanecem em nós, envoltos em melancolia. *Eu podia ter sido... Eu gostava de ter feito...* Se pensarmos bem, isto de lhes chamarmos "sonhos" resulta numa emboscada. Culturalmente e em qualquer dicionário, a palavra "sonhos" dirige-nos sobretudo para algo de "imaginação", "ilusão", "utopia", "difícil ou

impossível de concretizar", "de pouca duração". Não são estas as palavras de que precisamos para conseguirmos avançar. *Sonhos-aspirações* têm de ser encarados como objetivos a concretizar, de acordo com as nossas forças e as nossas fraquezas. Quem o diz? Muitas pessoas. Incluindo este alguém que falou estas ideias e que durante muitos anos sonhou escrever, partilhar a sua voz. Foi um sonho escondido, abafado e sabotado. Foi. Está a deixar de ser e haja alento para continuar.

«Esta referência ao futuro, é a oportunidade conveniente para passarmos aos sonhos de quando estamos acordados, conscientes, em menor ou maior escala, de quem somos e quem queremos ser, do que fazemos e do que queremos fazer.»

LER É CONHECER. ESCREVER É ETERNIZAR

ANA F.
PINHEIRO

Quando se abre um livro, abre-se a porta a um mundo novo. Um mundo de palavras e letras, que convivem numa miscelânea perfeita, capazes de nos fazer sorrir, chorar, emocionar, até viajar, ao sabor da pena que tão bem nos transporta.

Desde que tenho memória, convivo com livros. Em minha casa sempre os houve – muitos. Lembro-me de me sentar no chão, enquanto desfolhava com curiosidade as muitas páginas de livros intermináveis. Tão depressa as passava, que cheguei a arrancar algumas. A cada página, a imaginação fluía. Tagarelava toda a tarde – conta a minha mãe – debitando em voz alta, o que achava estar escrito a cada passagem.

Não me recordo de quem herdei este gosto. Apesar de a minha mãe comprar bastantes, e de ter feito quase todas as coleções lançadas, nunca a vislumbrei a ler um que fosse. Um dia, já mais crescida, confrontei-a com essa observação, ao que obtive um “foi para que tu e a tua irmã tivessem muitos, podiam

«Desde que tenho memória, convivo com livros. Em minha casa sempre os houve – muitos. Lembro-me de me sentar no chão, enquanto desfolhava com curiosidade as muitas páginas de livros intermináveis.»

precisar para a escola”. Acho que o seu propósito era só mesmo colecioná-los. Da minha avó paterna, recordo as horas passadas a cantar e a versejar, ao mesmo tempo que costurava a roupa das suas clientes. Escrevia poesia. Quando estava triste, quando estava alegre, tudo era motivo para escrever. Qualquer pedaço de papel servia, para dar vida às suas palavras. Páginas e páginas de memórias, que perduram no tempo, após a sua partida. Na escola primária, a professora tinha por hábito oferecer-nos um livro, quando transitávamos de ciclo. Recordo o quão excitada fiquei quando recebi, das suas mãos, um recheado de aventuras. Li-o dezenas de vezes. A partir daí, comecei a pedir que me oferecessem mais, daquela coleção. Confesso que ainda hoje gosto de os reler. Há histórias que até já

sei de cor. Continuo a comprá-los para os meus filhos. Mas sou quem os lê primeiro.

A par da leitura, a escrita também sempre me acompanhou. Um dia a minha mãe inscreveu-me num curso de datilografia. Um curso de verão. Ao início, contrariada (uma miúda no início da adolescência tem mais que fazer do que passar as tardes de sábado em aulas de datilografia), o entusiasmo floresceu. A máquina de escrever, o mais próximo da tecnologia que tinha experimentado até então, tornou-se uma grande companhia. Recordo as teclas tapadas com autocolantes coloridos, que indicavam os dedos correspondentes a cada uma. Depois veio a elétrica, que excitação. Era apetrechada com corretor, o que aliviava a pressão de cometer erros.

A tecnologia evoluiu. A miúda cresceu. O computador é hoje o parceiro favorito de escrita. As tardes de sábado tornaram-se em longas e solitárias noites de escrita. A escrita é um processo desafiante – conjugar as palavras, dar-lhes sentido. Tocar o leitor, transmitir a mensagem, despertar sentimentos, é a magia de quem escreve. De quem toca a alma do leitor. O coração. Provoca interrogação. Ação e transformação.

Para mim, cada livro lido é uma experiência que fica, marca, e faz pensar. Confesso que a minha predileção, a par dos livros de aventuras da infância, são os romances. Histórias de amor, sofridas, mas quase todas com um final feliz. Esforço-me por transmitir aos meus filhos o gosto pela leitura. A importância de ler. Mostrar o fascínio de conhecer novos lugares através de um livro. Ter em casa muitos ajuda, mas não chega. É importante incentivar, dar o exemplo. Embora comigo não tenha sido exatamente isso que aconteceu...

Hoje em dia há diversas atividades que facilmente despertam a atenção dos jovens. A leitura é muitas vezes vista como aborrecida. Como pouco interessante. Cá por casa existem estratégias, incentivos, metas e recompensas. Não há fórmulas mágicas. Nem mudanças instantâneas. O gosto pela leitura cultiva-se. Aos poucos. Devagar. Com tempo, com

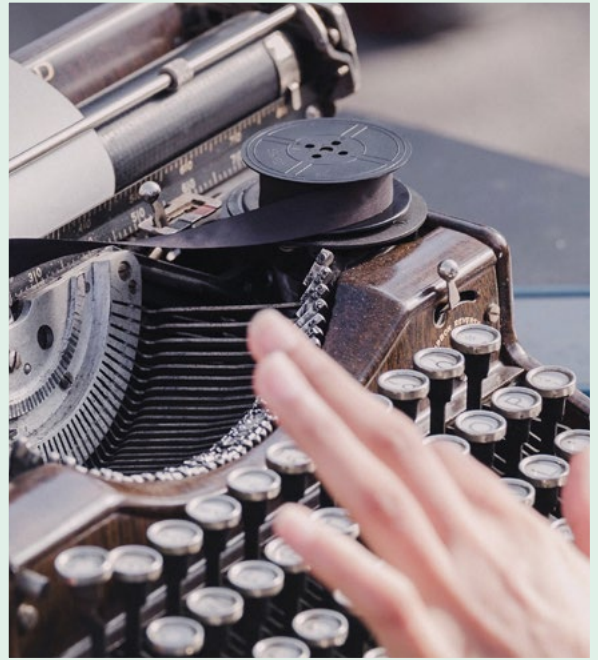
carinho, dedicação. Incentivo e estímulo. Sem imposições ou recriminações.

A leitura ajuda-nos a conhecer novos mundos. Traz-nos novas palavras. Novos significados. Melhora a escrita. Pese embora não tenhamos todos aspiração a escritores, a escrita está presente no dia-a-dia, nas mais variadas formas. Todos escrevemos, seja de que forma for. Mensagens de texto. Redes sociais, sobretudo nestas, escreve-se cada vez mais. E não há nada que me possa ferir mais a visão do que um texto pejado de erros, ortográficos ou gramaticais. Ler é conhecer. Escrever é eternizar. Deitemos palavras ao mundo. Deixemos a semente germinar.

«A leitura ajuda-nos a conhecer novos mundos. Traz-nos novas palavras. Novos significados. Melhora a escrita. Pese embora não tenhamos todos aspiração a escritores, a escrita está presente no dia a dia, nas mais variadas formas.»

O PRAZER DA ESCRITA

CARMO
MARQUES



Às vezes sinto saudades de escrever. Escrever mesmo. Pegar numa folha em branco e enchê-la de palavras, apenas pelo simples prazer de o fazer. É uma cerimónia a que me entrego com formalidade solene, começando pelo ritual de preparação dos materiais. Abro o compartimento da minha escrivadinha, onde reservo, para estes assomos recordatórios, um tinteiro do qual retiro a quantidade de líquido necessária para encher o reservatório de uma caneta de tinta permanente. Dias há em que vou ainda mais longe e ponho-me a usar uma caneta de aparo, afinal, o meu primeiro instrumento de escrita. Estendo a folha na minha frente e nela registo, com lento desvelo caligráfico, a primeira palavra que, sem reflexão ou escrutínio, se me declare na ponta dos dedos. De imediato, faço-a seguir de outras que, descuidadas de nexos, vão caindo livres no papel à medida que se desprendem de um qualquer recanto de mim. Por vezes, sem aviso, algumas aglutinam-se a compor uma ideia que se poderá desenvolver ou

«Às vezes sinto saudades de escrever. Escrever mesmo. Pegar numa folha em branco e enchê-la de palavras, apenas pelo simples prazer de o fazer.»

perder. Pouco interessa. Nestes momentos, o objetivo é fruir do exercício de escrita manual a que hoje pouco recorro, a não ser para rabiscar uma breve nota num qualquer pedaço de papel, geralmente um talão de caixa perdido por entre as várias coisas — absolutamente imprescindíveis — que transporto nas minhas bolsas. E afinal, quanto esforço precisei para dominar a arte de escrever! Bem me

recordo da temível vareta de ferro com que a professora da primeira classe nos convencia a desenhar a letra redondinha, nem demasiado pequena nem demasiado grada. Havia de caber, à justa, no espaço entre os traços paralelos do, denominado, caderno de duas linhas, fabricado especialmente para esse fim. O corpo de cada letra havia de ficar ali contido. Apenas exceções como a perninha do 'p' ou o anzol do 'g' podiam descer abaixo da linha, e os pescoços do 'd' ou do 't' subir acima delas. Éramos repreendidas por fazermos abóboras, se tendíamos para letras grandes; ou formigas, se as desenhávamos pequenas. Para quem não se concentrava o suficiente, ou, por se deixar atordoar pelo medo, persistia no erro, vinha o castigo da vareta, aplicado nas cabeças dos ossos do metacarpo da mão com que escrevíamos. Não aprendemos então o nome dos ossinhos onde recebíamos o castigo — chamavam-lhe os canhotos —, mas aprendemos a dor que neles ficava.

Era assim na minha escola primária. Aprendíamos a escrever à moda antiga, pelo menos tão antiga quanto a era dos aparos metálicos, dos tinteiros de porcelana — que cada uma tinha na sua carteira —, dos mata-borrões e dos dedos e roupa manchados de tinta azul ou preta. A vermelha estava reservada às correções das professoras e a verde excluída, porque era falta de educação usá-la, diziam-nos. Quando chegávamos à quarta-classe tínhamos permissão para usar uma caneta de tinta permanente. Apreciei de tal forma o salto qualitativo, que ainda hoje cultivo um gosto especial por esse tipo de instrumento e será por isso que, quando me ataca a saudade de escrever à mão, não quero uma esferográfica, nem nenhum dos eficazes objetos de escrita que hoje existem no mercado.

No ensino secundário, passei, como todos os outros, a usar as então modernas esferográficas: práticas, baratas e quase infalíveis. Esqueci a contenção e enchi páginas de letras-abóbora. De vez em quando, enchia-me de brios e escrevia um bocadinho seguindo as regras da primária, mas logo regressava à minha letra

gorda que me parecia muitíssimo mais bonita. Depois, na faculdade, o ritmo do discurso dos docentes não tinha em consideração primores de grafia, e a minha passou a gatafunhos, temperados de arremessos estenográficos que só eu, e por vezes nem eu, entendia. Perdi o estilo e ganhei um calo no dedo médio. Para tornar apresentáveis os trabalhos a entregar aos professores, recorria a uma velha máquina de escrever, em cujo rígido teclado martelava as letras com pavor de me enganar, pois, qualquer falha poderia representar ter de redatilografar toda uma página, ou mais. Para um lapso menor, havia a borracha dura, em forma de lápis, que rasurava a tinta, mas, com desesperante frequência, levava também o papel, deixando um buraco onde antes estivera o erro. Que conforto é hoje poder escrever no teclado macio de um computador que até nos aponta os erros de ortografia! Como é fácil corrigir um engano, mudar de ideias, reescrever um texto, mudar-lhe a forma e o conteúdo, quantas vezes a inspiração, a hesitação ou a urgência de dizer o deslumbramento, o amor ou a raiva o exigirem. Não trocava esta ferramenta pela pena de outrora. Contudo, por brincadeira saudosista, deleita-me ver a dança revoluteda do seu bico, ao som do seu próprio roçar sobre o papel, seguindo o ritmo do capricho das ideias em liberdade.

«Que conforto é hoje poder escrever no teclado macio de um computador que até nos aponta os erros de ortografia!»

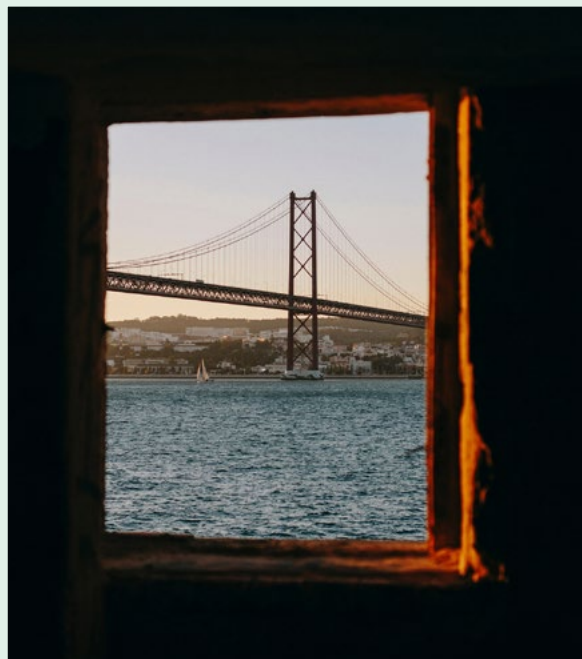
CAFÉ COM LETRAS E POESIA VADIA

ERMELINDA
TOSCANO

Era um fim de semana de inverno. O dia estava soalheiro e, apesar de bastante frio, convidava a sair de casa. Por isso, depois do almoço, resolvi fazer uma caminhada até ao Cais do Ginjal.

No regresso, parei junto ao ancoradouro dos cacilheiros e ali fiquei a olhar Lisboa, enquanto imaginava o percurso a pé que pretendia fazer já na próxima segunda-feira: do Cais do Sodré até ao Jardim Constantino, em Arroios, onde trabalhava, à procura de pormenores arquitetónicos ou de lembranças esquecidas nas pedras da calçada.

Estes passeios matinais — ou vespertinos —, explorando as ruas da capital, na companhia da minha *Canon*, numa busca permanente do inusitado, sempre foram muito revigorantes e serviam para dispensar as idas ao ginásio, que isto de trabalhar com políticos tem os seus contratempos, como seja a necessidade de engolir uns sapos e, em consequência, ganhar uns quilos extra... e o epíteto de "pneuzinho da Michelin" (passe a publicidade) que, por



**«No regresso,
parei junto ao
ancoradouro
dos cacilheiros
e ali fiquei a
olhar Lisboa.»**

brincadeira, um amigo me costumava dirigir, já andava a incomodar.

Lembrei-me, entretanto, que aquele era o último sábado do mês: não podia perder a sessão de poesia vadia no Café com Letras! Em passo rápido, dirigi-me à rua Cândido dos Reis numa dança constante entre os carros estacionados em cima do passeio, ou executando malabarismos

para fugir àqueles que circulavam na via de rodagem (no presente, felizmente, esta artéria é pedonal).

Quando entrei, o espaço estava na penumbra e, como música ambiente, ouviam-se acordes de violino e acordeão numa composição que, ao fim de alguns instantes, reconheci ser de um álbum de Richard Galliano. Nas paredes brancas, uma exposição coletiva de fotografia sobre o concelho de Almada.

Havia apenas uma mesa disponível, debaixo do arco central — que sorte, pensei. O meu lugar preferido. Encostada a um dos pilares, a estante onde repousavam as obras dos clientes para consulta no estabelecimento ou aquisição a um preço simbólico: a poesia liderava, mas tinha por companhia contos, romances e até crónicas.

Numa prateleira, em lugar de destaque, as duas fanzines do projeto cultural ali desenvolvido: o jornal trimestral *O sabor das palavras* e a coleção *12 páginas de poesia*, dedicada à publicação de trabalhos inéditos dos frequentadores das sessões mensais de poesia vadia. Na contracapa, o objetivo da sua existência e que não posso deixar de aqui transcrever:

"Para que a poesia nunca mais fique aprisionada nas gavetas da memória, ou esquecida numa folha de papel que ninguém lê. Porto de abrigo para os poemas que queremos partilhar. Convite à imaginação de quem escreve. Janela aberta no campo fértil das palavras por publicar. Uma forma diferente de comunicar, sem pretensões de excelência literária: cada poema tem o peso das emoções e a qualidade que o autor exige a si próprio."

Sentei-me e pedi um café. Depositado no pires, ombreando com a chávena de porcelana, em substituição do doce que noutras pastelarias era hábito oferecerem, um canudo de cor pastel com um laço de cetim a contrastar. Abri-o e pude ler, emocionada, um poema do meu amigo Isidoro Augusto (fotógrafo e poeta almadense):

não sei se me revejo, ou em ti me descubro
as mágoas que me afligem são como as nuvens
sobre a água:

sombras indeléveis do meu sentir que em nada se
desfazem.

De repente, a música parou. Num timbre forte, impactante, um jovem de preto integral declamou um poema de Ary dos Santos, como se cada palavra fosse parte de uma peça de teatro representada de forma magistral. Sem intervalo, seguiu-se-lhe uma idosa de voz quase inaudível que leu um poema de sua autoria; no final, a satisfação pela ousadia de ter conseguido, pela primeira vez, apresentá-lo em público, confessou-o à audiência. O som de uma viola campaniça ecoou na sala e a seguir a ela o cante alentejano à capela — eram apenas três membros, mas valiam pelo coro inteiro —, findo o qual, irrompeu pela sala um poema de Fernando Pessoa com pronúncia brasileira, de sílabas onduladas que arrastavam consigo o oceano que separa Portugal e o Brasil. Uma surpresa que prendeu a atenção de todos os presentes. Inesperadamente, uma voz de criança deixou todos boquiabertos. Teria, talvez, quatro anos e da sua boca soltaram-se alguns versos. Animada, de olhos sorrindo, terminou de forma efusiva com: — Mãe, mãe! Viste como eu sei os teus poemas? Uma sonora salva de palmas deixou a progenitora de lágrimas nos olhos.

Serenados os ânimos, e embora não tenha havido coordenação prévia, a declamação de poemas continuou de forma alternada até que, aos poucos, as pessoas se foram ausentando, despedindo-se até ao próximo sábado.

Nota final:

O Café com Letras vigorou de 2003 a 2005. Em 2006 foi substituído pelo Sabor & Arte, que encerrou em 2007. A partir daí a poesia vadia tem continuado a acontecer, de forma itinerante, por associações culturais, cafés, bares, livrarias e escolas secundárias do concelho de Almada.

ALVORADA

LÁ VEM ELA, ARMADA COM A FORÇA DA PALAVRA ORGANIZADA

GABRIELA
PACHECO

Ela poderia ter cheirado a presunção, por ter suado genialidade num odor fatídico para quem pensa de menos. A verdade é que os génios gozam da proteção de não saber que o são. É quase como a premissa para a genialidade. A insegurança e a dúvida. Quem não se duvida, não chega à genialidade sudorífera que afasta os insuficientes. Não me fez tremer homem algum, corpanzil algum, frieza alguma excetuando o peso do suor dela. Disfarçava-se, mas os interstícios emanam aquilo que se é por dentro, mesmo que o esforço da insegurança seja aguerrido.

E é por isto que hei de amá-la sempre! Por ser a prateleira côncava na estante do mundo, o poiso da beleza escrita.

Na História, a palavra organizada? Censurada! E manteve-se firme, côncava, mas firme. Ler e escrever é resistir! É apalpar a resiliência, esmigalhá-la na mão, cujo punho cerrado lhe sussurra que a palavra organizada está acima dos Deuses que só o são por conta da sua organização.

«Ela poderia ter cheirado a presunção, por ter suado genialidade num odor fatídico para quem pensa de menos. A verdade é que os génios gozam da proteção de não saber que o são.»

Um dia, ainda eu não a amava como hoje, mandei-lhe esta — *tu e a evangelização do livro!* Os olhos dela eram planetas no universo que transbordava ser. Arregalou-mos em força — O livro é emancipação, a boia dos pobres, o degrau da periferia. A única arma que iguala por ensinar a fingir a vida, o estabelecido, a verdade ilusória montada pelos interesses de alguns. O livro é a tesoura que nos liberta do museu das marionetas. Terá havido, ela, ditadura que a arte e a cultura não tenham incomodado? Entoam as labaredas dos livros queimados que não se enquadravam nas ideologias de uns tantos. Se não são eles salvação e poder, para quê o medo?

Nesse dia, todo o amor que tinha em mim ofereci-lho. Decidi amá-la para o resto dos meus dias. O amor, damo-lo a quem queremos.

Escolhi quem não tinha medo de um mundo tão cheio de gênios, ao ponto de não se conseguir reconhecer nenhum. Tinha também um trejeito nos mamilos apetitoso. Censurado! — isto por mim mesmo, que são outros quinhentos, e revela-se aqui um obsceno atentado à decência. Ainda que sejam eles a mais bela das artes. Espetei-lhe um beijo de língua no dia em que me deu a coragem. E se me dessem um superpoder, que fosse apalpar-lhe a alma, ter mãos para o tanto que aquilo era!

“Nem todos os que leem são ativistas mentais, literários... o que lhes queiras chamar”, continuei ingenuamente.

Sorriu-me num fragmento de segundo e, logo depois, meteu a voz de fogo que tem a paixão, para me dizer — A força da cadência das palavras, dos pensamentos alinhados, pujantes e profundos nem sempre é perceptível. O encontro do livro com aquele que lê esgarça-lhe a possibilidade de ordenar as sensações, os argumentos, os pensamentos. Nasce a habilidade de legendar capazmente memórias e histórias. Há um nascer, um despertar, um refletir e depois um bailado. Não nascemos todos no mesmo dia. Ler é meter a engrenagem do pensamento a trabalhar, escrever é meter a máquina a todo o vapor. Há um jogo de imaginação e palavras, que cria uma linha paralela ao tempo, que nos embebeda de possibilidades. É um confronto do pensamento com a ação. E dói, quase sempre. Há uma resiliência avassaladora nas palavras organizadas. Somos, por dentro, infinitos pontos de vista. E há uma luta e um amor que se faz com todos eles!

O ativismo literário! Oh, que maravilha! Casamos. Ela comigo e eu com uma infinidade de possibilidades. Cheirar-me-á, acima de tudo e eternamente, a Amor.

«Ler é meter a engrenagem do pensamento a trabalhar, escrever é meter a máquina a todo o vapor. Há um jogo de imaginação e palavras, que cria uma linha paralela ao tempo, que nos embebeda de possibilidades. É um confronto do pensamento com a ação. E dói, quase sempre. Há uma resiliência avassaladora nas palavras organizadas.»

BIBLIOTECAS, UM MEIO DE DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AOS LIVROS E À CULTURA

ISAURA
BENTO CORREIA

Na minha casa não havia livros, não havia discos e um gira-discos. Com o meu pai aprendi a gostar de música rock e de dançar. Mas, e a leitura e a escrita? De onde veio a minha paixão? Os meus pais não me leram livros de histórias ao deitar. Na infância não me ofereceram livros. Recordo-me que, antes de entrar para a escola, devia ter uns cinco anos, inventava histórias, criava personagens e imaginava-me a fazer teatro.

Com a ida para a escola, tive contacto com a leitura e com a escrita. Quando tinha sete ou oito anos peguei num bloco e escrevi a minha primeira história ilustrada: "A neta que passeava com o avô no jardim". Desenhei um jardim e um banco. Impressionante como esta memória permanece tão presente e me desafia a escrever.

Outro marco importante na minha vida foi a carrinha da biblioteca itinerante, que ia à aldeia onde vivi até aos meus onze anos. Era uma alegria quando chegava a carrinha. Um momento mágico, entrar, pegar nos livros e requisitar as coleções d'Os Cinco, d'Os Sete e da Anita. Quando lia, imaginava que era uma

«Desenhei um jardim e um banco. Impressionante como esta memória permanece tão presente e me desafia a escrever.»

das personagens e vivia grandes aventuras. Este serviço de Bibliotecas Itinerantes foi criado pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1958. Tinha como objetivos promover e desenvolver o gosto pela leitura e aumentar o nível cultural dos cidadãos. Destinava-se principalmente a quem tinha menor acesso à educação e habitava em regiões desfavorecidas. Para mim, a carrinha-biblioteca foi especial. Deu-me a conhecer um mundo que só se pode encontrar nos livros. O meu primeiro amor. Outra biblioteca que me marcou foi a Biblioteca Virgílio Ferreira, em Gouveia. Como não tinha possibilidade de comprar livros, a utilização deste espaço e a requisição dos livros foram uma forma de sobrevivência e de ultrapassar a vida pacata num meio do interior. Adorava ler e folhear os livros. Ao entrar na

biblioteca sentia-me em casa. Ainda hoje, sinto que estou num lugar sagrado, num mundo de vidas reais e imaginadas.

Nas leituras que influenciaram esta fase estão também os livros de romances cor-de-rosa das minhas tias. Tantos sonhos coloridos e paixões vividas, amores platónicos. À noite tinha de me deitar cedo. Lembro-me de fingir que ia dormir e estar a ler até tarde.

Passei tardes lendo livros, esquecendo o local onde estava e fazendo viagens por países desconhecidos — dialogando com personagens interessantes sobre a vida, sobre os valores, sobre o meu lugar no mundo.

Houve uma fase em que queria ser cientista. Os livros do Carl Sagan despertavam a minha veia de investigadora do espaço e do que está para além da Terra. Imaginava ser uma astrónoma. Os livros policiais eram para mim outra área de interesse: Agatha Christie e o Poirot. Os mistérios por resolver, as pistas subtis, faziam-me ser uma grande detetive.

A escrita veio por acréscimo. Escrevia histórias, principalmente poesias. O que me inspirava?

As vivências de adolescente, os amores e as angústias. A escrita era uma catarse. Ao escrever havia uma libertação das amarras dos pensamentos e emoções.

A entrada para a universidade, foi outra mudança na minha vida. A leitura tornou-se técnica e a escrita mecânica. A fonte secou. Ainda não consigo entender o que aconteceu. Houve um adormecimento, a negação de uma parte de mim. Em agosto, fui de férias, à minha terra natal. Como sempre, fui à biblioteca, onde cresci e viajei, sem sair da cidade. Aconteceu algo inusitado. Ao falar com a funcionária, para requisitar um livro, ela foi ao computador e verificou que eu ainda estava inscrita. Disse-me que fui das primeiras a inscrever-me, porque a Biblioteca tinha aberto nessa altura. Voltei a ser adolescente, a sentir aquela chama dentro de mim, a vontade de ler e escrever. Percebi que os livros sempre me acompanharam e ajudaram: a resistir, a ultrapassar barreiras, a sonhar e a projetar-me numa vida diferente.

A questão permanece. O que me levou à paixão

da leitura e da escrita? Ao divagar sobre a minha ancestralidade, lembrei-me de que a minha avó gostava de contar histórias e dizer provérbios. A minha mãe, que tem apenas a quarta classe, gosta de fazer versos. Só lhe descobri esta faceta quando veio à Madeira e me escreveu uns versos. Na sua juventude também fez teatro.

As peças do puzzle foram-se juntando. Apesar de não terem a oportunidade de estudar e desenvolver os seus dons literários, ambas me transmitiram essa paixão. A diferença é que eu tive os meios para estudar. Apesar de, na altura, não ter posses para comprar livros, as bibliotecas deram-me a oportunidade de contactar com eles, de percorrer o caminho acompanhada pelas palavras. Para mim, ficou claro que as bibliotecas democratizam o acesso à leitura e à escrita, para todos aqueles que de outra forma não teriam acesso à cultura e aos livros.

Eu sou Eu, em grande parte, pelos livros que li. Os meus tijolos são feitos de livros e o meu ADN de palavras.

«A escrita veio por acréscimo. Escrevia histórias, principalmente poesias. O que me inspirava? As vivências de adolescente, os amores e as angústias. A escrita era uma catarse. Ao escrever havia uma libertação das amarras dos pensamentos e emoções.»

A VIDA (MAIS OU MENOS)

JÚLIA
DOMINGUES

Nunca ninguém sabe a força que tem até a força se tornar a (nossa) única opção. Começamos pelo fim. Nos dias de hoje, sou uma autora portuguesa, de 44 anos, com três livros publicados, conto com, aproximadamente, um milhão de seguidores no somatório das redes sociais, facilito cursos e *workshops* na área da escrita motivacional e de desenvolvimento pessoal, sou parceira internacional de uma das maiores empresas mundiais de *Storytelling* e, nas horas vagas, consigo ter um emprego normal das oito às cinco. Calculo que quererão saber em quanto tempo conseguirei «erguer» isto tudo. Um ano. Um ano é o tempo que medeia entre uma mão cheia de projectos e uma série de palavras escritas em *word*, presas durante anos, guardadas numa pastinha amarela do computador.

Se sempre tive o sonho de conseguir isto tudo? Sim. Se sempre tive a coragem para o fazer? Nem por isso. Carlos Drummond de Andrade escreveu: «A dor é inevitável. O sofrimento é opcional.» Antes do fim, houve um início. Um início onde as dúvidas abundavam, as incertezas eram o que eu tinha de mais certo e onde a zona de conforto não se espalhava além da

pastinha amarela do computador. Fiquei, durante anos, refém dos meus próprios sonhos. Optei (quase) sempre pelo que era mais certo, pelo que era mais seguro, pelo que era mais expectável. No que é que isso resultou? Numa inquietação interna monstruosa que se estava a tornar (muito) maior do que eu. Tinha tudo o que o comum mortal poderia desejar. Tinha um emprego mediano, com um horário mediano, mais um salário mediano e uma vida mediana. E isso, caros leitores, é o pior que nos pode acontecer. Ficarmos presos no mais ou menos. «Como é que estás?», «Estou mais ou menos.», «És feliz?», «Mais ou menos.», «Gostas da vida que levas?», «Mais ou menos.» A vida não pode ser mais ou menos. A vida tem de ser mais do que menos. A vida tem de sair de dentro da pastinha amarela do computador para ganhar outras cores. Se, no início, sabemos como começar? Claro que não. Ninguém sabe. Mas começa-se por qualquer lado, mesmo que isso implique que tenhamos de (re)começar mais de uma dúzia de vezes. Começa-se por aqui e por ali. Começa-se sem saber (a)onde vamos terminar, mas com a certeza de que retroceder não é opção. Começa-se a medo, com medo e segue-se atrás do medo até que o medo vira coragem.

Por onde comecei? Comecei, durante uma hora de almoço, no meu trabalho mediano, com um horário mediano, onde se padecia de um tédio mediano, quando cliquei na tecla *enter* e me inscrevi na plataforma digital de escrita criativa que dava a possibilidade a novos autores para publicar 4 textos mensais. A única certeza que eu tinha?

Que as palavras escritas em *Word*, presas durante anos, numa pastinha amarela do computador, iam, pela primeira vez, ser mais fortes do que os meus medos.

E é dessa força que vos quero falar na PalavrAr. Daquela que nos empurra para a frente, que não nos deixa desistir e que nos dá a certeza de que o melhor (ainda) está para vir.



ESCREVER ANTES QUE A TINTA SEQUE

ANA
COSTA

Vejo a vida como uma página em branco à espera de ser escrita e reescrita as vezes que forem necessárias até que o texto faça sentido.

Descubro no ato de escrever paralelos admiráveis com a forma de a construir.

Escrever nem sempre é sinónimo de fluidez. Do mesmo modo, na vida, há momentos em que as coisas não correm à nossa feição, também ela se represa aqui ou ali, deixando-nos perdidos, cansados de tentar, com vontade de desistir. Somos humanos, é natural que assim seja. Mas somos mais do que aquilo que pensamos e temos capacidades, tantas vezes ocultadas e até rejeitadas, para fazer brotar o que mais desejamos, sejam as nossas palavras, seja a nossa vida.

Escrever é sinónimo de errar e corrigir. Pode acontecer que não se escolham os melhores termos, que as frases não transmitam exatamente o que se pretende, que os pontos e as vírgulas se percam nos caminhos e nem sempre orientem de forma correta o trânsito no texto. Só um olhar desapegado poderá detetar e corrigir, porque,

tal como na vida, quando escrevemos, precisamos de nos afastar para conseguirmos ver o que pode ser alterado e, com humildade e confiança, melhorarmos o menos bom. O erro pode ser uma excelente oportunidade de aprender. Escrever é sinónimo de criar. Somos seres únicos, por isso, a voz de cada um é exclusiva e sem-par, podendo manifestar-se de variadíssimas maneiras, através da escrita ou de um qualquer outro meio. Todos somos capazes de criar e dar expressão a essa voz que trazemos dentro de nós, talvez ignorada e amordaçada... Quem nunca sentiu vontade de exprimir sentimentos, ideias e emoções através de um texto, de uma pintura ou até de uma sobremesa? Quem nunca desejou fazer algo diferente, sentir a vida a pulsar e aproveitá-la em cada segundo que passa? Quem nunca sofreu de criatividade presa nos meandros da imaginação, ansiosa por sair em liberdade, mas que, por algum motivo, não conseguia encontrar a forma de se soltar? Confiar na essência que somos, longe de ser um ato egoísta, é um sublime gesto de altruísmo, pois tudo o que fazemos por ela orientados é irrepetível e traz a nossa marca que precisamos de reconhecer e registar. Há alguns dias, encontrei, não por acaso, um conjunto de bonitas canetas que me foram oferecidas há uns anos. Nunca as utilizei. Quis dar-lhes uso, mas a tinta havia secado... Este simples facto fez-me refletir no tempo que passei sem perceber o quão importante é para mim escrever. Agora, foco-me por inteiro na escrita, expresso a minha voz para tornar melhor o mundo de quem precisa de ler exatamente aquilo que tenho para lhes dizer. Há palavras a pedir para serem escritas e leitores à espera de as descobrir. Escreve-as, antes que a tinta seque.



DA PALAVRA À FORÇA

MANUELA
VIEIRA

Resistir aos nossos maus pendores é obra. Sair da sombra e respirar equilíbrio é labor. Ler nas entrelinhas da vida e redescobrir-se é viver. Até então, ir para o trabalho sem ser uma montra ambulante era impensável. A mulher levantava-se duas horas mais cedo para se embonecar. E porque não?

O problema começou quando viu que faltava um colar de pérolas, o seu preferido e invejado pelas colegas. Que banalidade — dizes tu. Mas não é o que sentia. Quase se vestiu de luto. Como doeu. Demais. Aguentou os comentários menos airosos das companheiras, só porque o pescoço ficara nu. Nu de todo. Enfrentou as feras. Mas a fera que nela habitava, essa, não se aguentava de pé. "Perder o bendito colar logo agora que a Lia anda a exhibir a pulseira de esmeralda, falsa, é claro, não estava nos meus planos!" Desgosto. Vazio. Enorme vazio. "É injusto!"

O que a madura mulher (madura?) não sabia é que a vida tem o seu próprio ritmo. E que, quem se engana a si mesmo terá que despertar um dia. As notícias chegaram céleres. É obrigatório andar de boca tapada. As máscaras passaram a fazer parte

da indumentária dos portugueses, tal como na China, Espanha e pelo mundo que adoecia gravemente. Ninguém sabia por onde andava o tal vírus. Lavar as mãos, máscara, distância (não te aproximes, mesmo que queiras ver o colar da outra). "Oh. Esquece!"

A situação piorou! Ordens para confinar. "Dentro de casa? Como? Vestir-se para quem? Para quê? E a máscara que não combina com a roupa. Bolas. De nada adianta pintar os lábios! Dia enfadonho, ai, ai!"

Uma panóplia de interesses escusos a alimentar o carácter esquelético que a caracterizava. Objetivos? Ideais? Propósito? Desconhecia. A mulher sentia-se a esmorecer. Até quando? Nesse remoer de ideias, resolveu decifrar as possibilidades que lhe restavam, enquanto se via fechada em casa.

Um livro que há muito jazia na estante encheu-a de curiosidade. Impulsionada, abriu-o, sentou-se e começou a ler. Foi assim que virou a página da sua vida, que de tão desarrumada, amontoava bolor.

Leu. Leu sem parar. Interessou-se pelas temáticas que falavam de outras riquezas... as que vinham de dentro. Encantou-se. Leu os que tinha em casa e comprou outros tantos livros. Em cada nova página, uma aprendizagem, uma libertação. Há que resistir. Continuou. Sentia o calor das palavras que a empurravam para dentro de si. Encontrou-se. Ter ou não ter é uma questão a resolver, mas Ser? É para hoje, aqui, agora. Grata, olhou-se ao espelho e viu para além de si mesma. Sem colares, sem pintura percebeu que mal se conhecia. "Olá, sou eu. Mudei e estou a gostar." Respirou fundo, como há muito não fazia. E tu? Quanto tempo mais irás resistir? Lê. Há livros que salvam. Encontra o teu!



SE PASSASSE UM FILME RETRATANDO A TUA VIDA

HELENA
GREGÓRIO

"Se passasse um filme retratando a tua vida, assistirias na sala com a família?"

Para algumas pessoas seria difícil responder, eu respondi de imediato:

— Assistiria. Ia chorar muito, mas também sentir muito orgulho das minhas superações.

Hoje, vivo sem preconceitos e permito-me ser eu própria. Decido e escolho o que é melhor para mim/que me faz feliz. Os cremes que adquiria, como qualquer mulher, ocupam os lugares de bibelôs e não uso maquiagem. Felizmente não tenho o rosto marcado pelas rugas, ou se tenho, não me preocupo. Sou simples e amo-me por inteiro. Sou aventureira, forte, com sede de aprender algo mais. Nem sempre o fui. Vivi uma infância plena de violência, tendo de lutar contra o sofrimento. Nasci numa família sem o bem-estar de uma linhagem abastada, vivendo com muitas dificuldades. Vi vários elementos da minha parentela entregues ao alcoolismo, destruídos. Além de violência doméstica, colecionei as traições do meu marido, exibindo cada mulher conquistada

como um troféu ganho. Até aos trinta e nove anos, inconscientemente fechei os olhos, tapei os ouvidos, ignorei a intuição que me dizia não merecer aquele inferno. O meu rosto estava envelhecido carregado de tristeza. Vivi muito tempo presa a crenças que me impediam de tomar consciência da realidade que eu criava. Sendo catequista, tinha de manter uma imagem de acordo com os ensinamentos que ensinava. Até que uma situação alterou tudo. É preciso ganhar coragem e pôr um ponto final no que nos destrói. Nada dói mais do que as notícias em que tantas mulheres falecem. Por vezes, é quase impossível dar o passo para a liberdade. Agradeço muito o incrível presente que Deus me deu, no momento em que quase sucumbi às mãos do meu agressor. Se morresse, o meu filho morreria comigo e isso não permitiria. Por aquele ser minúsculo que habitava no meu ventre, resisti. Nunca soube como, mas naquele momento o meu anjo da guarda esteve ali e tomei uma decisão. Iniciei o pedido de divórcio. Sabia que com duas filhas e outro a caminho não seria fácil, mas acabava com aquele cativo. Iniciei uma luta sem precedentes, perdi a conta às vezes que a minha integridade física foi agredida. Vivia com medo, sem margem para erros. Os dias passavam enquanto vivia em suspense. Dormia com olhos intermitentes, abrindo e fechando a todo o momento. Finalmente o divórcio saiu, o juiz percebeu que as tentativas de reconciliação não tinham motivos para acontecerem. Respirei aliviada quando ele citou: —Declaro-vos oficialmente divorciados. Metade da minha luta estava concluída. A outra estava a chegar... e desenganem-se se ficou por aqui. Foram anos de luta até hoje. Porém, venci e, mesmo longe do meu país, concretizo os sonhos guardados nas gavetas do meu ser.



«A paixão do colecionador de livros assemelha-se à do viajante. Cada biblioteca é uma viagem; cada livro é um passaporte sem caducidade.»

Irene Vallejo, O infinito num junco

Quando lê, mesmo em solidão, tens sempre a companhia das personagens. As histórias envolvem. Vives nas vidas retratadas as tuas experiências, aquelas que viveste sem analisar e aquelas que de outra forma não terias. Adquires conhecimentos para desenvolver as tuas atividades e competências. Entras a sabedoria dos que existiram antes de ti, dos que têm vivências diferentes das que conheces. Compreendes a relatividade de crenças e valores. Soledad tinha o rosto da infelicidade, emanava raiva, rancor, inveja. Nasceu com síndrome de Turner, uma anomalia relacionada com défice de um cromossoma x, o que lhe causou baixa estatura, pescoço alado, estrabismo, entre outras deformações e debilidades. A infância foi consumida no hospital de Nens, Barcelona, em sucessivas operações. Filha única, a sua condição nunca

foi aceite pelo pai, que substituiu o desgosto pelo incansável trabalho de jornalista. A mãe, em perpétuo suplício, sacrificou a vida para a consagrar à filha. Soledad tornou-se uma pessoa exigente, manipuladora e maquiavélica, ao ponto de sentir prazer em infligir sofrimento aos pais.

Aos quarenta anos, quando ficou só, não era a feiura que saltava à vista, era a falta de amor-próprio. O universo, na sua perfeição, indicou-lhe um caminho muito diferente do destino temido pelos seus pais. Sozinha, rejeitou com ferocidade todas as ofertas de ajuda, afogou-se em whisky durante meses. Num dos raros momentos de sobriedade, em lágrimas, procurou expiar e suavizar memórias quando, ao acaso, abriu um livro da mãe e leu-o sem notar as horas a passar. Sentiu naquela leitura uma forma de comunicar com ela. Queria dizer-lhe: «Mãezinha, não te preocupes comigo, perdoa-me apenas.»

Foi um momento catártico. Encontrou a forma para se justificar a si mesma, se absolver e honrar a memória da mãe.

Leu todos os livros que tinha em casa, depois começou a escolher os assuntos que a interessavam. Um dia saiu para procurar uma obra na biblioteca; nunca mais deixou de lá ir.

Foi ali que aprendeu a conviver, conheceu pessoas e sentiu-se incluída. O seu belo timbre e a colocação vocal atraíram produtores de rádio, que a convidaram para participar numa apresentação.

Hoje, dez anos passados, Sol, o diminutivo de seu nome, tem o seu próprio programa com uma audiência fiel. É responsável pela biblioteca.

Pela sabedoria, pela disponibilidade em ajudar, aquela senhora simpática, pequenina, de sorriso franco, é conhecida como "Sol da biblioteca".

Os livros não julgam, abrem perspetivas, dão liberdade.

Quando lê ou escreves, resistes à ignorância e assumes o comando da tua vida.



A ARTE COMO HUMANIDADE

DAVID
ROQUE

Acreditamos saber quem é a esfinge, mas ignoramos o que oculta o hibridismo homem-besta, revelador de díspares noções de mundo. A esfinge egípcia é masculina: é o faraó de barba e toucado, é antigo leão solar da força. A esfinge grega é feminina: alada, enigmática, castigadora dos que não solucionam os desafios. A semelhança estética não autoriza analogia de significado, porque a arte e o mito representam a humanidade dos seres criadores: a sociedade egípcia é diferente da grega, apesar dos contactos que mantiveram entre si.

Há muitos conceitos de arte e é impossível contê-los dentro de muros, tal como não conseguiríamos encerrar o grande Tejo, o Nilo, o Amarelo ou o Amazonas. A arte pode representar o belo, porém, de pouco nos valerá esta ideia, já que não saberemos afirmar com propriedade o que é o belo. A arte moderna, desde os dadaístas, contém um relevante fator polemizante, colocando-se em causa ou procurando levar a sociedade ao tribunal dos loucos. A arte é manifestação de um tempo, de uma sociedade e

da vitalidade dos indivíduos com qualidades mediúnicas, agentes que materializam as reflexões sobre si (o único e singular) e sobre o coletivo. O escritor, assim, é ponte entre dois alcos imprecisos.

A literatura coloca-se no patamar difuso da arte, sem ser possível garantir o exato contorno dos sentidos. O significado da literatura é vasto e multiforme, é a hidra mil vezes renascida pela mão dos escritores que a alimentam, cada qual com desígnios pessoais, os medos, ambições, taras, fantasias, denúncias. A escrita ficcional pode ser lúdica ou panfletária, mágica ou realista, vernácula ou erudita, sem que nenhuma das opções vença. Quem afiançará que um género literário é superior a outro? Quem afirmará que, dentro de cada género, uma tipologia é mais satisfatória do que outra?

Toda a literatura ficcional, boa, má ou assim-assim, é expressão da humanidade do autor, da pessoa que escreve. Se mente, a mentira é o carimbo do seu sujeito; se revela, prova a franqueza.

Nas duas décadas que levo de dinamizador de escrita criativa, consolidei que, apesar das areias movediças dos conceitos, há literatura melhor que outra, sem estar relacionada com catalogações de géneros ou tipologias. O que une o escritor ao leitor não é a língua (há traduções), nem a cultura (há intercâmbio), é sim a humanidade, o fator que os torna comuns. A escrita humana é a melhor, seja a de teatro, poesia ou prosa. Palavras capazes de descrever sinceramente as alegrias da vida e os seus rigores são compreendidas por qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo, porque, apesar de todas as variações culturais, as pessoas serão pessoas. Tal como uma peça musical invoca estados de alma, sem proferir uma única palavra, também a boa prosa evoca a alma do leitor, e nem sempre para o agradar.

«A literatura coloca-se no patamar difuso da arte, sem ser possível garantir o exato contorno dos sentidos. O significado da literatura é vasto e multiforme, é a hidra mil vezes renascida pela mão dos escritores que a alimentam, cada qual com desígnios pessoais, os medos, ambições, taras, fantasias, denúncias.»

PORQUE É QUE UM REVISOR DE TEXTOS DEVE RESISTIR?

ANA
SALGADO

Explicar o que é um revisor de texto, o que faz esse indivíduo durante o dia, como passa as suas horas, de que vive, é sempre um assunto intrincado quando não exige até uma rebuscada explicação para que os seus ouvintes o compreendam. Parece não haver tempo para tarefas de edição e de revisão e o tempo foge. Um revisor profissional geralmente tem prazos muito apertados a cumprir e que muitas vezes se sobrepõem. Ainda assim os revisores resistem e deverão sempre resistir à pressa frenética dos dias, aos prazos editoriais apertados, à urgência de tudo ser para ontem.

Um revisor é uma criatura que trabalha na sombra para garantir aos outros um lugar ao sol. E não é que isso represente qualquer lado lunar desta profissão. Afinal, o revisor que verdadeiramente abraça a sua profissão para aí caminha e aí quer residir. Almeja ser uma espécie de mão invisível que aperfeiçoa, em muitos casos – mais talvez do que se possa imaginar –, conteúdos alheios.

«Explicar o que é um revisor de texto, o que faz esse indivíduo durante o dia, como passa as suas horas, de que vive, é sempre um assunto intrincado quando não exige até uma rebuscada explicação para que os seus ouvintes o compreendam.»

A experiência já me vai dizendo que as vezes nós, revisores, nos tornamos mais visíveis: recordam-nos episódios de quando uma falha foi detetada a posteriori, ou seja, quando o texto já foi divulgado. É habitual, nesses casos, o leitor procurar, de imediato, a ficha técnica para responsabilizar o «culpado», ou, então, recebemos uma chamada do editor ou uma mensagem que nos cai na caixa do correio evidenciando a gralha num determinado livro. Poderão os revisores ser profissionais imaculados? Tal não existe. Desconheço qualquer nirvana nesta área.

Quase que me atrevo a dizer que a revisão é uma faca de dois gumes. Por mais que cuidemos de um texto, por mais que sejamos dotados de um sublime olhar de lince, de uma visão atenta direcionada ao pormenor, um estilo proficiente, quantos de nós, revisores, ao folhear o manuscrito acabado de publicar, nos deparamos com uma gralha esbugalhada a fazer-nos sinal. «Eh, eh, finte-te! Nem deste por mim nas tuas sucessivas leituras!» É ingrato? É. Mas não podemos aspirar à glória da perfeição, podemos antes atenuar esse golpe interiorizando que, afinal, somos mesmos humanos e, em muitos casos, lembrar as condições oferecidas para o desempenho de um determinado trabalho. Tenho defendido, em várias ocasiões, que o trabalho editorial de perfeição seria aquele em que fosse possível passar um mesmo texto por dois olhos diferentes.

Contudo, desengane-se se ainda acredita nesse mito enraizado de que a atividade se resume à caça à gralha. Não. É muito mais do que isso. Talvez fosse mais correto dizer que mais do que rever nós, revisores, depuramos e polimos os textos. Um revisor, além das suas competências linguísticas, tem de ter desenvolvido as suas competências textuais que lhe possibilitem um aprimoramento dos textos, quer a um nível estrutural, quer discursivo e estilístico. Como é que se desenvolvem essas competências? Pela prática associada à busca de conhecimento e a um incessante pôr em causa. A dúvida é nossa aliada.

Mas então, afinal, em que consiste a edição e revisão de textos? São tarefas que se relacionam com um exame minucioso sobre o que se lê, em busca de lapsos e problemas, e é certo, caçando galhas, mas distanciando-nos o suficiente para poder julgar a compreensão e legibilidade da escrita linha por linha. É um trabalho de sapa, mas fundamental em qualquer escrito. Em traços gerais, um revisor concentra o seu trabalho em questões ortográficas, morfossintáticas, estilísticas, mas também em

termos de organização, estrutura e clareza do conteúdo. Na verdade, tudo se poderia resumir em tornar a leitura mais aprazível aos futuros leitores aquando da publicação ou disponibilização dos textos definitivos. Aproveito para esclarecer um outro ponto com que geralmente sou confrontada. Muitas vezes me têm questionado por que razão um texto traduzido para português, sendo que o tradutor é alguém também especializado em questões de língua, necessita de revisão. Não confundamos. Ambos desempenham funções diferentes e têm olhares diferentes sobre um mesmo texto. Um bom entendimento entre estas duas classes, o apontar construtivo, são sempre mais-valias para cada um deles. Rer e rever é também saber resistir. Uma forma de resistência que deve perdurar.

**«Contudo,
desengane-se se
ainda acredita nesse
mito enraizado de
que a atividade se
resume à caça à
galha.
Não.
É muito mais do que
isso. Talvez fosse
mais correto dizer
que mais do que
rever nós, revisores,
depuramos e polimos
os textos.»**

TIMOR, O PARAÍSO OU O PAÍS A PRETO E BRANCO

LUÍS
CARDOSO

Não me lembro de ter tido conhecimento sobre o Paraíso na minha infância. Achava que vivia num lugar, que para mim era seguro, por viver junto daqueles que me amavam. O sol nascia todas as manhãs em Lorosae e morria todas as tardes em Loromonu. Os pássaros cantavam, as árvores frutificavam, e os meus pais foram tendo filhos. O Paraíso só começou a entrar na minha existência com a catequese. Havia um lugar distante, que era o Éden de onde Adão e Eva haviam sido expulsos por terem comido o fruto proibido. No meu caso era uma coisa tão banal, por ter comido tanta goiaba madura do quintal dos rai-nain, que não achava que fosse motivo suficiente para me expulsarem da terra onde vivia. Só depois me foi explicado que no Paraíso havia o Bem e o Mal que eram representados, respetivamente, pelas cores branca e negra. A primeira imagem que tive do Paraíso foi a preto e branco com a leitura da Bíblia. As primeiras fotografias que me foram mostradas também eram a preto e branco. Nelas as pessoas



mostravam-se muito sérias, vestiam-se a preceito e olhavam para o infinito. Nenhuma delas sorria. Pensei que fosse por terem sido expulsas do Paraíso. Mais tarde, para me certificar, perguntei aos meus pais se os antepassados que apareciam nas fotografias também haviam sido expulsos do Paraíso como D. Boaventura de Sottomayor, o régulo de Manufahi, que se rebelou contra as autoridades portuguesas. Quando foi a minha vez de ser fotografado, a reação foi de medo e de pavor. De forma alguma queria ser expulso. Perante a ordem paternal tive de fazer o jeito de me colocar muito sério com a mão na cintura a olhar para o infinito. Raras vezes vi fotografias dos meus antepassados sorridentes. Lembro-me que nas aldeias, no meio de montanhas onde viviam os meus familiares, as pessoas desapareciam no interior das casas ou nas densas matas, quando alguém aparecia com a máquina fotográfica. Devia ser esse o motivo que fez com que, por mais que

tentasse, e bastas as vezes o fiz, nunca tivesse encontrado no Álbum de Álvaro Fontoura, um dos governadores de Timor, alguém que sorrisse. Os homens mostravam-se sérios e hirtos e as mulheres apareciam despidas de tronco para cima, submissas. Fizeram-me lembrar os rebeldes que foram capturados e exibidos como troféus.

Timor também foi o paraíso de Ruy Cinatti, o poeta português que se apaixonou pelo território onde terminava o império e por lá viveu um tempo da sua vida, depois de ter feito o curso de agronomia em Lisboa. Descreveu-o como sendo uma terra de paisagens com vultos. Os vultos eram os timorenses. Vultos que apareciam e desapareciam. Apenas vultos. Creio que o disse em defesa dos timorenses para dar a entender aos que mandavam em Lisboa que nem tudo era um mar de rosas nas terras onde o sol logo em nascendo vê primeiro, razão pela qual teve alguns dissabores conforme o próprio me confidenciou quando o consultei sobre os solos de Timor. Lembro-me que andava muito triste por causa da ocupação de Timor pela Indonésia. Chovia. Pediu-me que fosse rezar com ele por Timor, em plena Rua Jau. Tive uma valente constipação que me fez ficar na cama durante alguns dias. Coisas que uma pessoa faz para alcançar o Paraíso.

Na adolescência, nas minhas andanças pelo território que aliás descrevi no meu primeiro livro "*Crónica de uma Travessia*" tive a noção que vivia num paraíso e, por ter tantas línguas, também numa Torre de Babel. Chorei com saudades do paraíso quando saí para estudar em Portugal.

As primeiras imagens que vi de Timor depois da invasão indonésia eram a preto e branco, de crianças esfomeadas, esqueléticas. Delas fizemos cartazes e panfletos para mostrar ao mundo o que estava a acontecer numa terra que devia ser o paraíso, para que a comunicação social mobilizasse as boas consciências e o caso tivesse um final feliz.

Regressei pela primeira vez a Timor, um tempo depois do referendo, para acompanhar José Saramago, o nobel de literatura, que ao ver as

crianças que se aproximavam dos fotógrafos sem medo das máquinas fotográficas, dizia que só tinham olhos. Eram elas que fotografavam os estrangeiros com os seus olhos luminosos. Sorriam como se tivessem recuperado o paraíso roubado aos seus antepassados. Eram sorrisos de crianças de um país independente.

Timor é um estado soberano e com petróleo que a alguns enriquece e a outros empobrece. Por debaixo do manto colorido que encanta quem chega ao território, existe um país que ainda é a preto e branco onde uma grande parte da sua população ainda vive no limiar da pobreza. Virá um dia em que Timor-Leste será um paraíso, quando os timorenses o souberem colorir com a sua experiência e sabedoria por cima da trágica memória da sua história.

«Não me lembro de ter tido conhecimento sobre o Paraíso na minha infância. Achava que vivia num lugar, que para mim era seguro, por viver junto daqueles que me amavam.»

DEBAIXO DO VULCÃO

JOÃO
VENTURA

Lembro-me de há uns anos ir a caminho de Taxco pela estrada que sobe desde a cidade do México e, depois, se inclina para Cuernavaca, a cidade que em *Debaixo do Vulcão* dá pelo nome de Quauhnahuac e onde nos habituámos a ver desesperar Malcolm Lowry. Lembro-me de errar através de um emaranhado de ruas ensolaradas; de atravessar um jardim decadente sob um céu em chamas; e de, respondendo ao chamamento dolente de uma canção de Jorge Negrete vinda de uma máquina de discos, ter cruzado o umbral sombrio de uma cantina anónima que acabara de abrir as suas portas; e de, ali, depois, ter experimentado a minha primeira tequila destilada do mais puro agave mexicano. "Herradura" vinha escrito no rótulo da garrafa depositada sobre o balcão. E a cantina, tão real como a do romance, talvez fosse *El Farolito*, cuja fotografia descobri há dias no blogue da Fundação criada em Cuernavaca para recordar o inglês perseguido pelos demónios do mezcal. E é o próprio Lowry

que, agora, me confirma: «que beleza se poderá comparar à de uma cantina, de manhã, cedinho? [...] pensa em todos os terríveis estabelecimentos, em frente dos quais as pessoas desesperam, impacientes por que se levantem os taipais! Nem as portas do céu, que para mim se abrissem de par em par, me proporcionariam uma alegria tão celestial, tão complexa e tão desesperada como a porta ondulada que se ergue com estrondo, como as gelosias que sobem, admitindo essas almas que vibram com as bebidas, levadas aos lábios com mãos vacilantes. Todo o mistério, toda a esperança, todo o desapontamento, sim, todas as misérias aqui se encontram, para lá dessas portas que se balançam num vaivém». (in *Debaixo do Vulcão*, Relógio de Água).

E agora que volto a ler o seu livro e a incandescência permanece, lembro-me de, naquele homem debruçado sobre o tampo de pedra encardida do balcão ao fundo, «afogando a dor no melhor mezcal do México», parecer-me ter visto – não sei se por ter bebido aquele álcool até ao fundo, se embriagado pela atmosfera mezcaliana de *El Farolito* – o próprio Malcolm Lowry. E que outra visão poderia eu ter tido ali, naquela cantina debaixo do vulcão, com a garganta incendiada pelo fogo do mesmo agave que nesta dobra da noite volto a beber enquanto vou sublinhando o nome das setenta e sete bebidas alcoólicas diferentes emborcadas pelo cônsul e seus acólitos ao longo das trezentas e quarenta e seis páginas do alucinante romance de Lowry?

MEZCAL

100%

Agave
Dormido



Don

Blendedii Nahas



A SEGUNDA VIDA DE OLIVE KITTERIDGE, DE ELIZABETH STROUT

TÂNIA
GANHO

(ALFAGUARA, 2021)

A Luz em Fevereiro

Há personagens na história da literatura que nos marcam e acompanham para o resto da vida, apesar de nos suscitarem sentimentos contraditórios, por vezes mais negativos do que positivos, como a frívola Emma Bovary, de Flaubert, o pedófilo confesso Humbert Humbert, de Nabokov, ou o atormentado assassino Raskólnikov, de Dostoiévski. A este meu panteão de personagens indelévels e amores conturbados, junta-se agora Olive Kitteridge, de Elizabeth Strout. A autora americana, galardoada com o prémio *Pulitzer*, criou uma Olive «tão Olive», que se destaca das páginas e se instala na cabeça dos leitores como uma mulher de carne e osso, uma velha ranzinza «que gosta de falar de si própria» e nos irrita, sim, mas nos



«A autora americana, galardoada com o prémio Pulitzer, criou uma Olive «tão Olive», que se destaca das páginas e se instala na cabeça dos leitores como uma mulher de carne e osso.»

comove sobejamente. Poucos de nós teríamos coragem de admitir, como Olive, «Não faço a mínima ideia de quem sou [...], não compreendo nada».

Nos dois volumes de histórias que gravitam em torno de Kitteridge e se estendem ao longo de vários anos, Strout apresenta-nos vislumbres das vidas de antigos alunos, vizinhos ou familiares de Olive na (aparentemente) pacata vila costeira de Crosby, no Maine. A povoação é ficcional, mas, tal como os seus habitantes, entranha-se-nos na memória e deixa-nos saudosos das suas paisagens. Quando, neste segundo livro, Olive vende a sua casa à beira-mar e se muda para uma vivenda num terreno sem vista, sentimos uma intensa nostalgia daquela sua janela sobre a baía reluzente, à qual nos sentámos tantas vezes com ela, no primeiro volume. E a Olive que se nos revela agora é uma mulher em pleno balanço de vida, ciente da sua mortalidade: «a sua vida estava quase a acabar. Estendia-se atrás de si como uma rede de sardinhas, com todo o tipo de algas inúteis, pedacinhos de conchas e peixinhos diminutos e cintilantes...» Ciente, acima de tudo, dos seus erros: «De repente, foi assolada pela horrível vaga crescente da verdade: ela falhara e falhara de maneira colossal. Devia andar a falhar há anos, sem se aperceber.» O olhar de Olive, que antes se centrava implacavelmente nos outros, vira-se desta vez para dentro e a conclusão vai ao encontro dos sentimentos dos leitores: «Percebeu que era ela própria que não lhe agradava, a si, Olive.»

Elizabeth Strout tem uma invulgar capacidade de entrar na mente de cada uma das suas personagens e descrever, em pequenas cenas, concisas e incisivas, momentos que as definem em toda a sua complexidade humana. Nenhuma delas é de papel, nenhuma delas é plana, todas nos fazem reflectir, horas depois de fecharmos o livro, sobre as suas reacções e escolhas na vida, como, por exemplo, o casal que durante anos vive na mesma casa sem se falar e delimita o espaço de cada um com uma fita adesiva amarela no chão, e cuja filha lhes anuncia que é dominatrix; ou a advogada que descobre

finalmente as origens da violência no âmago da sua família, o porquê de o seu irmão – que já conhecíamos de *Olive Kitteridge* – ter assassinado uma mulher com vinte e muitas facadas. Os temas são pesados, poderiam ser deprimentes, mas a escrita de Strout é magistral e alterna parágrafos dolorosos, sobre o envelhecimento ou a solidão – «Há alturas em que tenho tantas saudades do Henry, que parece que nem consigo respirar», diz Olive, a dada altura –, com momentos hilariantes, em que damos por nós a rir de situações absurdas, como o despertar de Olive no hospital depois de sofrer um ataque cardíaco. Acima de tudo, Elizabeth Strout consegue apontar-nos, no meio da banalidade de vidas tristes e sensaboronas, os pormenores que as tornam únicas e faz-nos pensar que a felicidade está mesmo nas pequenas coisas que nos rodeiam: «da entrada de casa, [Olive] via a floresta e todas as manhãs, quando abria a porta, tinha noção da beleza do mundo. Era uma surpresa para ela. Quando o primeiro marido morrera, Olive não tivera noção de nada. [...] Mas eis o mundo, agora, exibindo-lhe a sua beleza dia após dia, e ela sentia-se grata.»

«Acima de tudo, Elizabeth Strout consegue apontar-nos, no meio da banalidade de vidas tristes e sensaboronas, os pormenores que as tornam únicas e faz-nos pensar que a felicidade está mesmo nas pequenas coisas que nos rodeiam.»

A VELHA DAS FITAS VERMELHAS

PORVENTURA
CORREIA

Conheci-a, ao acaso, em reportagem, na vida urbana, entre multidões comuns, quando não aparentava ter mais do que vinte anos, formosa e subtil garça. À noite, quando se invoca, dança desvairada e revela a natureza milenar: cabeleira nevada, rugas cavadas na face, dedos chupados e estalactites em vez de dentes. No alvoroço da mutação, irrompe da cabeça a tiara circular de ouro, donde pendem a toda a volta fitas de seda vermelha, com um côvado de comprimento e dois dedos de largo. Oculta-se nesse véu escarlate e permanece em silêncio até se sentir impelida a montar o seu Cavalo de Cal e correr pelos campos de alfange ao alto, agitando as vestes nacaradas e as fitas de seda, criaturas vivas ondulando no ar. No tropel desenfreado, madrugada fora, combate os entes da escuridão e concede liberdade aos animais encurralados, lacerando trincos de pocilgas e cavaliças. Nem o cão subjogado à corrente de aço escapa à misericórdia libertadora. Tal temeridade impressiona as criaturas do mundo oculto, dispostas a aceitar a Velha

das Fitas Vermelhas como guia ou a nela dardejarem ódio. Os aliados de peso são os transmorfos lobisomens, os lamentosos corrilários, as moiras das rochas, as jãs fiandeiras, os moirinhos dos muros e as peeiras das fragas. Quando juntos, dispõem-se a bravatas com temíveis cocas e papões, ou outros seres do mundo obscuro. Em estado de moça, é namoradeira e lúbrica. Quando assume faceta de velha, prefere não se cruzar com humanos. Uma vez por outra, não se impede de dar castigo aos perversos que atormentam os animais sem propósito que não a malvez. Jornais relatam a sorte dos que se colocam ao alcance da lâmina curva do alfange de prata. As entidades policiais nada conseguem explicar e eu, apesar de saber os segredos da sombra, nada posso afirmar, sob pena de perder a cabeça. Contou-me fonte segura, de íntima amizade, que ela viveu uma paixão centenária com um oniromante, o mais belo, o melhor dos mestres. Tão poderoso que, um dia, arrancou do sonho de uma criança o Cavalo de Cal, capaz de voar sem asas. Achou-o tão belo que não resistiu a ofertá-lo à outra metade de si, a Rapariga das Fitas Brancas, como era conhecida naqueles tempos. Porém, um dia, o oniromante saiu para um sonho e não regressou. Três décadas ela esperou. Trinta anos desesperou. Depois, entregou-se à busca eterna, todas as noites correndo na sua fiel montada, o Cavalo de Cal, e alfange de prata em riste. A saudade ardia nos olhos. As fitas brancas douraram, depois foram ocre escuro e, por fim, o retinto rubi dos nossos dias. Tanto procurou a justiça, que se tornou o rosto da justiça, a mão do castigo e o olhar da acusação. Hoje, temem-na homens e criaturas do obscuro e até os deuses evitam os seus caminhos.



CHEGADO O FIM

ANALITA
ALVES DOS SANTOS

Se o que me dizes é verdade, não sei quanto tempo ainda me resta, por isso, serei célere. Quero contar-te a minha história para que a espalhes por este Portugal. Tudo o que me revelas, compadre corvo, entristece-me, verga-me o espírito, mas já entendi: não será a crueldade dessas palavras que me derrubará e não cairei sozinho. Os homens agora também tombam? Um fumo negro corrói-lhes os pulmões? Tristes notícias, estimado amigo. Neste montado distante, vivendo só com os meus irmãos, testemunhei o poder da ganância do dinheiro sobre a frágil vontade desse bicho Homem. Sinto-me fraco. Dei-lhes a minha pele — a maior riqueza que possuía —, emprestei-lhes a sombra para se refrescarem, escutei os segredos dos seus corações, mesmo depois de cravarem uma faca no meu. Deixaram-me nu e, ainda assim, continuei. O que esperam mais de mim? São das terras do Levante? Há oliveiras ancestrais aqui, mas não como as que descreves... Tens a certeza? As folhas já não são santas mezinhas? O fruto é veneno? Os ramos não crescem? Juntas, umas às outras, torturadas à noite, privadas da companhia dos compadres pássaros desejosos de repousar-lhes

nos galhos? Lamento essas tristes vidas, exploradas. Lamento a morte inglória dos teus irmãos.

Não te esqueças desta história. Canta-a ao ouvido de quem a quiser escutar e leva contigo as minhas filhas para bem longe, na esperança de perpetuarem o que ainda sou. Concede-lhes outro recanto para crescerem, onde a morte fria não lhes corte a seiva; onde haja homens de bom coração. Sei que ainda os há.

Tenho medo, confesso. Não por mim. Mesmo parado, sou um viajante do tempo. Duzentos anos prepararam-me para assistir sereno ao fim. Não sou apenas eu a morrer. É esta tela dourada de manto de flores, arco-íris espelhado na terra de ribeiros teimando em correr que desaparecerá para sempre. Dizes tu: a água lá é preta? És um corvo. Vês tudo à tua similitude! Sempre me disseram que eras mau agouro e nunca acreditei. E se me estás a mentir? Sei que não... Observo ao longe o fumo de que falas. O vento já o trouxe até mim. Sinto o odor dos que já partiram.

É o Alentejo. Aqui ninguém vê. Moro no meio dos montes; sou somente árvore, fração da paisagem que deixará de o ser. O olival invasor devastará esta planície e o Homem escolhe o silêncio. Antes de ires, ensaia a nova canção. Embala-me com a tua voz. Recorda-me quem ainda sou e de onde vim. Evoca o nosso cante, o canto deste Alentejo que chegará ao fim. Depois, vai e não pares.



O MILAGRE FÁCIL E POSSÍVEL

JAMES
McSILL

É simples: se não compreenderes como se estruturam as histórias, jamais saberás como fazê-lo com a tua. Se lidas com outros no teu trabalho e desconheces o que se esconde por entre o emaranhado de elementos que compõem uma narrativa, não tens como ajudar ninguém, pois, para transformar tens de saber o que transformas, porque transformas e até onde podes transformar.

«Se não compreenderes como se estruturam as histórias, jamais saberás como fazê-lo com a tua.»

Dois bêbados estavam no bar, há mais de três horas, enchendo a cara, até que um pergunta ao outro:

— Onde é que você mora?

— Aqui, na rua do lado...

— Ah, vá... Eu também! Mas nunca te vi por aqui...

— Minha casa é a da esquina com jardim na frente...

— Você está de brincadeira! A minha também é na esquina com jardim na frente...

— A minha é aquela amarela... número 743.

— Espera lá! Mas essa é minha casa!!

— Não senhor! É muito minha!

Sem parar a discussão, foram na direção da tal casa. Chegando lá...

— É aqui que eu moro!

— IMPOSSÍVEL! Quem mora aqui sou eu!

— Se eu. Tô falando que moro aqui, é porque moro!

— De jeito nenhum! Está me chamando de mentiroso?

— Estou sim, essa casa é minha!

E ficaram os dois nesse papo-furado até que a porta se abriu, e uma senhora aparece furiosa e diz:

— BONITO, né? Pai e filho bêbados discutindo no portão!

Engraçadinha a piada? Voltarei a ela no fim desta conversa.

Para já, prossigo com uma confissão: quando comecei a minha carreira como consultor de histórias pensava que era uma arte cujos princípios se aplicavam ao entretenimento ou ao marketing e desvalorizava o seu valor para os profissionais que — com o intuito de alinhar, para fortalecer — lidam com a mente e, portanto, comportamento humano. Achava que o *coach*, por exemplo, ao inserir uma história, interromperia o fluxo do tratamento, o que só iria atrasar, ou distrair o cliente do ponto a que se quisesse chegar. O mundo era outro, então. No divã, quem contava a história era o cliente e o terapeuta, na medida do seu conhecimento, ia retirando sentido do que ouvia. Alinhar uma história demorava meses, anos ou talvez nunca acontecesse. Hoje, contudo, aumentaram as buscas por soluções mais rápidas, pelo 'mude a sua história, mude a sua vida'. E um *coach* experiente poderá consegui-lo em minutos, quer em privado, quer em grupos pequenos ou em imensas multidões. Desde sempre, as pessoas são movidas por histórias: para entreter, ensinar, confortar e inspirar. Para que transformes a ti e aos outros, então, basta aprender a estrutura de histórias realmente influentes. Há, pelo menos, cinco abordagens básicas de narrativa que valem a pena ser exploradas.

1. **Mudança simples de estado**

Conta uma história em que o estado inicial das personagens corresponde ao do teu público. Em seguida, descreve um evento ou interação que faça com que as personagens passem para um estado mais positivo. O relacionamento empático do cliente com as personagens, levá-lo-á também para esse estado mais positivo.

«Desde sempre, as pessoas são movidas por histórias: para entreter, ensinar, confortar e inspirar.»

2. **Mostrando uma história em andamento**

Usa uma história para explicar os detalhes de uma estratégia bem ou mal sucedida. Às vezes é muito mais fácil contar uma história sobre alguém, exibindo uma série de comportamentos úteis ou destrutivos.

3. **Metáfora**

Recorrer à metáfora, pode ser uma forma eficaz de aproximação ao âmago de uma questão. Por exemplo, se estás perante um grupo de diretores que não estão sendo úteis um para o outro, contas uma história sobre um bando de indivíduos fora da lei que perderam tudo porque não concordaram nas decisões a tomar. ➤

«Recorrer à metáfora, pode ser uma forma eficaz de aproximação ao âmago de uma questão.»



4. Ajuda o cliente a alinhar a sua história como se fosse um estudo de caso (Case Study, no termo da moda!)

Esta é uma sequência simples para apresentar um estudo de caso:

As coisas como se imagina que são: a situação e o problema (e possivelmente a implicação deste na vida do cliente).

Objetivo: o que o cliente quer alcançar ao resolver o problema.

Ação: o que o cliente já fez, faz e está disposto a fazer para sanar o problema.

Resultado: o que aconteceu (intencionalmente ou não) para se chegar àquele ponto e como a experiência servirá de lição para o que acontecerá ao longo do tempo.

5. A jornada do herói

Há várias versões para a estrutura clássica de uma história — esta é vagamente baseada em Joseph Campbell. A jornada passa por três estágios:

a) Partida

O chamado para a aventura (por exemplo, respondendo a uma crise). Ultrapassar a renitência à mudança, buscando recursos, internos ou externos, anteriormente desconhecidos

A travessia do limiar, em que entrará em território desconhecido e terá necessidade de abandonar as abordagens anteriores.

b) Iniciação

O caminho das provas: o herói se depara com uma série de testes em que pode (e provavelmente irá) falhar. Conhece alguém que se preocupa com ele.

Confronta e aprende a vencer os obstáculos que detinham o 'poder supremo' em sua vida, que não o deixavam avançar.

c) Retorno

O herói vence a renitência em voltar — tão difícil quanto ter abandonado a sua zona de conforto no início da jornada — ao reconhecer benefícios do retorno. Torna-se mestre de dois mundos. Nele, somam-se a experiência das incertezas e das dores, de antes, à certeza de que pode enfrentar e vencer desafios. Tendo sobrevivido à provação, ganhou uma liberdade para viver como lhe aprouver. Agora sabe escolher! Enfim, voltemos à linha final da história dos bêbedos:

"— BONITO, né? — diz a senhora à porta. — Pai e filho bêbados discutindo no portão!"

A senhora, tal como o *coach*, é a intervenção que vem revelar o sentido à história. Este é o desafio! Levar o outro a ver o que, a princípio, é tão claro para ti, mas tão escondido no emaranhado das histórias, para ele. É fácil? É possível? Acredito que sim, e que é UM MILAGRE.

«Quando comecei
a minha carreira como
consultor de histórias
pensava que era uma
arte cujos princípios
se aplicavam ao
entretenimento
ou ao marketing
e desvalorizava
o seu valor para
os profissionais que —
— com o intuito
de alinhar, para
fortalecer — lidam com
a mente e, portanto,
comportamento
humano.»»

LITERATURA: A VIAGEM INFINITA

LÉNIA
RUFINO

Creio que não há nada que me cause tanta estranheza como ouvir alguém dizer que não gosta de ler. Talvez por ter crescido rodeada de livros, e por terem sido estes a minha mais consistente companhia ao longo da vida, não entendo que não se goste do refúgio que os livros nos proporcionam.

Para mim, ávida leitora, nada supera o prazer de mergulhar nas páginas de um livro e perder a noção de tempo e de espaço – porque é exactamente isto que acontece quando leio: saio da minha vida e dou por mim a “viver” na realidade que aquele livro me mostra. A leitura usa um dos recursos mais potentes do ser humano: a imaginação. Senão, repare: quando lemos um livro, por muito exaustiva que seja determinada descrição, a imagem que construímos na nossa mente é apenas nossa. Vou mais longe: perante a mesma descrição, se pedirmos a dois leitores que desenhem o que leram, os dois desenhos vão ser diferentes, precisamente porque, além do que o escritor nos dá, usamos o que temos de mais nosso: a memória das coisas, que depois convertemos em imagens que tornam aquele texto ainda mais palpável.

A literatura tem um vasto poder que importa reforçar e manter vivo: o de nos fazer pensar o mundo para lá do que a nossa vista alcança. Quantos de nós já conhecemos realidades que nunca imagináramos possíveis porque um escritor trouxe essas mesmas realidades para a vista de todos, as expôs e nos obrigou a confrontarmo-nos com elas?

Enquanto escritora, quero que a minha voz sirva para pôr o dedo na ferida e não deixar esquecer coisas que são lamentáveis. Se o que eu escrevo levar as pessoas ao pensamento crítico e à mudança de alguns comportamentos, tanto melhor. Obviamente, não creio que vá mudar o mundo com as minhas palavras. Mas se fizer com que alguém tome consciência de alguma coisa que precisa de ser pensada e corrigida, então já cumpri parte do objectivo.

É porque a leitura nos permite uma visão do mundo mais ampla que me parece sempre redutor que não se goste das infinitas possibilidades que os livros guardam em si. E é por isso que, no que depender de mim, as pessoas à minha volta hão-de continuar a ter um contacto privilegiado com livros, porque sou incapaz de guardar tesouros só para mim e faço questão de ir mostrando as maravilhas que saem da cabeça dos meus escritores preferidos.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



...the child seems to understand, the whole leads to what
...the teacher and mother to completely. Somewhere around age
...the child perceives as a word and word. What is it?
...the child seems to understand, the whole leads to what
...the teacher and mother to completely. Somewhere around age
...the child perceives as a word and word. What is it?
...the child seems to understand, the whole leads to what
...the teacher and mother to completely. Somewhere around age
...the child perceives as a word and word. What is it?

Hilary Litch

...the child seems to understand, the whole leads to what
...the teacher and mother to completely. Somewhere around age
...the child perceives as a word and word. What is it?
...the child seems to understand, the whole leads to what
...the teacher and mother to completely. Somewhere around age
...the child perceives as a word and word. What is it?

BIBLIOTERAPIA O QUE É

SANDRA
BARÃO NOBRE

Talvez hoje seja a primeira vez que lê a palavra "Biblioterapia". Se assim for, consigo imaginar a sua surpresa. Eu mesma fiquei espantada no dia em que me deparei com o termo pela primeira vez, corria o ano de 2013, quando saiu no Reino Unido a primeira edição do livro "*The Novel Cure*", de Susan Elderkin e Ella Berthoud¹. Foi por aqueles dias que comecei a alimentar o desejo de vir a ser biblioterapeuta. O projecto concretizou-se em Maio de 2016 e desde então, quase todos os dias, explico a alguém o que é a Biblioterapia e o que faz um especialista nesta área. É o que lhe proponho fazer também nesta primeira crónica para, nas seguintes, passar às sugestões de leitura na óptica deste método tão surpreendente quanto evidente. Naturalmente, não foi só em

«Qualquer pessoa que leia frequentemente, de forma extensiva, tem a noção do quanto ler lhe faz bem, procurando espontaneamente textos que vão ao encontro das suas necessidades intelectuais, emocionais ou espirituais.»

2013 que tomei consciência dos poderes terapêuticos da leitura. Qualquer pessoa que leia frequentemente, de forma extensiva, tem a noção do quanto ler lhe faz bem, procurando espontaneamente textos que vão ao

1) Já editado em Portugal com o título "*Remédios Literários*", Quetzal Editores, 2016.

2) Porto Editora – biblioterapia no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora.

3) "*Competent Bibliotherapy: Preparing Counselors To Use Literature With Culturally Diverse Clients*", Oregon State University, 2006.

4) Revista da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 2012/2013, pág. 95 a 111.

5) "*Bibliothérapie: Lire, C'est Guérir*", de Marc-Alain Ouaknin, Points, 2015, ISBN 9782757854242

encontro das suas necessidades intelectuais, emocionais ou espirituais. Naquele dia, o que se revelou totalmente novo para mim foi: 1) descobrir a palavra que englobava tudo aquilo que eu já intuía sobre os efeitos da leitura; 2) perceber que o tema era estudado cientificamente pelo menos desde a década de cinquenta do século XX; 3) encontrar centenas de artigos científicos que evidenciam a eficácia da Biblioterapia; 4) descobrir que havia profissionais de Biblioterapia.

No dicionário online de língua portuguesa da Porto Editora, a Biblioterapia é definida como o "tratamento de doenças através da leitura de livros²", uma aceção que faz apenas jus à vertente clínica da Biblioterapia (onde estão, aliás, as suas origens mais remotas). Sendo esta uma definição incompleta e redutora, a fórmula a que mais recorro — por ser igualmente sucinta e inteligível, porém muito mais abrangente —, surge num artigo³ de Dale-Elizabeth Pehrsson e Paula McMillen, que definem a Biblioterapia como o "facilitar do desenvolvimento pessoal e da resolução de problemas através dos livros". É claro que os problemas podem ser também de ordem médica, mas esta definição contempla já a Biblioterapia de Desenvolvimento Pessoal, que ganhou pujança a partir dos anos sessenta do século XX e que levou o método muito para além do contexto hospitalar, nomeadamente para o dia-a-dia de qualquer pessoa em princípio saudável.

«Determinante é a figura do Biblioterapeuta, que faz a selecção cuidada dos livros mais adequados às circunstâncias de cada um e que orienta os seus clientes contribuindo para o seu bem-estar.»

No artigo "*Biblioterapia: o estado da questão*"⁴, Ana Cristina Abreu, Maria Ángeles Zulueta e Anabela Henriques explicam que a Biblioterapia é: uma actividade da qual se pode beneficiar em qualquer idade (até crianças ou adultos que não saibam ler); pode ser praticada individualmente ou em grupo; revela eficácia quando os problemas já se declararam, mas também pode ser aplicada de forma preventiva; e permite o recurso a textos de todos os géneros (de ficção ou não).

Determinante é a figura do Biblioterapeuta, que faz a selecção cuidada dos livros mais adequados às circunstâncias de cada um e que orienta os seus clientes contribuindo para o seu bem-estar através do processo de psico-dinamização⁵ que é espoletado pela leitura.

A SUA
REVISTA
LITERÁRIA



Ler e escrever é resistir

PALAVRAR.OPRAZERDAESCRITA.COM

Um projeto:



Analita Alves dos Santos
O PRAZER DA ESCRITA